

Teimosos, somos muito teimosos. Até aqui nos colocamos divididos. As alas com os componentes pobres ficam de um lado, as dos ricos e poderosos do outro, refletia Rogério admirando a perfeição do grande vitral com Maria tendo no colo seu filho morto. – Que bonita esta Mater Dolorosa. Falou Padre Heli.

Depois de dez minutos de caminhada, o grupo de religiosos passava pela parte nobre do Cemitério. Imensas construções esbanjando o mais caro mármore enquanto embelezam o mundo e ajudam o mercado cultural ao gerar empregos para os artistas da pintura e da arquitetura.

Assentindo de forma quase imperceptível com a cabeça, Rogério deu um passo maior para não dar chance a que o Padre, seu superior no Seminário, ficasse ao seu lado, o que o obrigaria a alimentar a tentativa de diálogo e o conseqüente impasse, porque para ele aquela era a Pietá e não a Mater Dolorosa. Melhor ele pensar que eu estou rezando. Queria estar sozinho e como isto era impossível àquela hora, que ao menos lhe fosse dada a oportunidade de estar relembrando tantas coisas que aconteceram e o marcaram nos últimos meses.

Os pés, pesados do muito barro do chão em volta da cova, iam deixando muitas marcas no cimento e não combinavam com os corredores estreitos e muito limpos por onde iam cortando caminho rumo ao estacionamento à saída do campo santo. Lá os aguardavam a Kombi do seminário e os demais carros aonde vieram os três cardeais, os mais de trinta bispos e a centena de padres. Os únicos além do grupo de seminaristas e dos coveiros que assistiram ao sepultamento. Dom Cristiano enfim descansara. Sem dúvida, se tivesse podido opinar, teria sido da opinião de que o povo tão amado por ele também pudesse ter estado junto neste último momento. Uma pena ele não ter podido participar dessa decisão, ia ruminando Rogério. Nosso Bispo estava na paz do Senhor e num movimento automático olhou para o céu todo cinza, sem nem uma risca de azul. Ele lá já estaria, após ter preenchido a ficha de entrada, obviamente, de imediato abonada por Pedro, em grandes papos com o Santo, agora que já podia se expressar de novo sem nenhuma restrição. De certo, estariam olhando para baixo. Cristiano dedo apontado, mostrando para o primeiro papa o cortejo, agora meio destrambelhado, dos religiosos que tinham vindo ao Cemitério da Paz para semeá-lo na terra boa molhada pela chuva. Estaria dizendo ter gostado muito da cerimônia toda e que somente tinha sentido falta da gente simples do seu rebanho. No seu jeito bonachão, fazia Pedro dar gargalhada dizendo que sobraram batinas e que faltaram chinelos no seu enterro.

O bom Arcebispo no caixão mais simples, despido de todos os símbolos de dignidade dos homens e coberto apenas pelo linhão do hábito franciscano, como o mais pobre dos pobres, agora dormia na terra roxa como seu solidéu e até muito pouco tempo, virgem de corpos humanos. Na área nova do Cemitério, aberta para receber os pobres e indigentes, muitos deles vítimas da violência da megalópole, já sem espaço até para os mortos que ia gerando a toda hora.

Rogério, apesar de tudo, sorria. Passava diante do mausoléu da família Larjanarino. Imensidão de sepultura. A capela seria até maior do que a da Comunidade do Rato Molhado, onde ainda deveria estar nesta noite, dia de Celebração da Palavra no morro.

Sorria da peça pregada pelo seu bispo em sua tão amada Igreja. Quis porque quis e não houve santo, cardeal ou bispo que o demovesse da idéia, ser enterrado na parte nova do “Da Paz”, área abençoada por ele mesmo no dia de São Pedro, há menos de um ano, quando a doença já mostrava sinais de aceleração em seu corpo cansado, trazendo-lhe muitas dores e desconforto na cerimônia. Aspergindo a água benta naquele lugar ainda cheio de muito mato, o bom Bispo decidira:

-É aqui que eu quero que o meu corpo fique.

Da primeira vez, a manifestação dessa vontade não foi levada a sério.

-Está brincando, dizia Monsenhor João.

-Acho que é pior, ele já delira, retrucava Padre Ademar.

Foram os dois que, numa visita, ouviram dos seus lábios pela primeira vez tal disparate.

-Onde já se viu? Nos 176 anos, 8 meses e cinco dias, desde que o Papa Leão XII autor da bula Praeclara Portugaliae sobre o padroado brasileiro, criara a Diocese, todos os nossos Pastores descansaram no altar e quando lá já não cabia mais ninguém, na nave da catedral. E tem mais. Veja, Padre. Nela ainda há lugar para Dom Cristiano e muitos outros seus sucessores.

Com a cara espantada, Padre Ademar ouvia o Monsenhor, dedo em riste, como se tivesse sido ele o responsável por colocar tal pensamento absurdo na cabeça do bispo.

Custaram a entender que não era brincadeira. Não era nenhum delírio. A imponente Catedral gótica de Nossa Senhora de Bom Sucesso seria apenas um lugar de passagem do féretro. Local apenas para se velar e encomendar na missa solene o corpo, agora já total e definitivamente inerte de Cristiano.

II

-Mas são apenas quatro os voluntários? Perguntou Padre Heli ao grupo de seminaristas do primeiro ano de Teologia do Seminário Arquidiocesano Dom Pascoal.

A reunião semanal do superior da casa com a turma de estudantes estava quase se encerrando. O convite a ser feito era o último ponto da pauta. O silêncio do grupo fez com que todo seu corpo, escorregando ainda mais na cadeira, demonstrasse desconforto e decepção. Esperava que todos eles, ou ao menos a maioria, tivessem se colocado disponíveis para estar por uma ou duas horas semanais com o Arcebispo doente, fazendo-lhe companhia e, eventualmente, escrevendo as cartas que ditasse, impossibilitado que já estava para usar os braços e as mãos.

-Vou ter que dar comida na boca do Bispo? Rogério havia perguntado em meio ao riso solto de alguns e abafado da maior parte.

-Negativo, disse o Padre, tentando mostrar naturalidade, a alimentação dele é feita com a ajuda de pessoal especializado do hospital. O que pode acontecer é que ele queira beber água. Aí é simples. Na mesa ao lado da cabeceira da cama há, já preparada, garrafa de água fresca adaptada para se beber deitado. O bico comprido evitará o derramamento do líquido no seu pijama.

-Pode contar também comigo. Rogério disse, levantando sem muita convicção a mão direita. Mal sabia o quão seriam importantes para a sua formação, enquanto pessoa e como futuro sacerdote, as horas que iria passar ao lado do Arcebispo. O quanto ansiaria pela chegada dos momentos de estar lá com o seu amigo.

-Vamos fazer a oração para encerrarmos a reunião. Vocês, os disponíveis, fiquem por mais uns minutos para que façamos uma agenda com os dias e horários de cada um com o nosso doente. Como vocês são cinco, vamos nos programar para que fiquemos responsáveis de segunda a sexta-feira por este serviço. Nos finais de semana, como ele geralmente recebe muitas visitas, não precisaremos cumprir essa tarefa.

Montado o calendário, Padre Heli explicou para o pequeno grupo a doença que acometia Cristiano.

-Chama-se esclerose lateral amiotrófica, afeta o sistema nervoso e faz com que os nossos músculos voluntários, de forma progressiva, parem de atender aos comandos gerados pelo cérebro. Por isto ele já não consegue andar nem escrever, mas continua mais lúcido do que nunca.

-Padre, eu não entendi o que quer dizer ‘músculos voluntários’?

-Ah, tudo bem, são aqueles que obedecem aos comandos gerados pela cabeça. São chamados de voluntários porque temos muitos outros músculos que agem sem que nem percebamos ou atuemos sobre eles, como os cardíacos, por exemplo.

-Tem cura, Padre?

-Tem não. Daqui em diante ele só irá piorando. O médico que o acompanha estava nos dizendo que há casos em que o paciente acometido dessa doença só pode se comunicar com o mundo a partir do piscar de olhos. Triste, não? Temos que rezar muito por ele. Seu final de existência não será nada fácil. Será bem pesado. Já mais no final da sua vida ele não estará conseguindo nem falar mais. Quando chegar essa hora, teremos que estar atentos para encontrar formas de mantermos a comunicação com ele.

III

-Sabiam que Dom Cristiano está muito doente?

Rogério puxava assunto no almoço da família no sábado.

-Sei sim, responde Alice, sua avó paterna.

Era a única ciente do fato.

-Ouvi na Rádio Europa, a emissora da Arquidiocese. Vocês todos como católicos deviam ser ouvintes também.

Alice não perdia o programa de Padre Luiz, nem deixava escapar a oportunidade de fazer sua propagandazinha da rádio de sua preferência.

-Padre Luiz ontem mesmo pedia para a gente rezar pela saúde do Arcebispo.

-Tem jeito não, Rogério continuou, a doença é séria e incurável. Ataca os músculos do corpo e vai fazendo com que o doente fique a cada dia mais incapacitado para se movimentar. Daqui a um tempo, ele já não estará mais aqui conosco, contou-nos Padre Heli.

O silêncio na sala como que confirmava a impropriedade do tema doença grave para a mesa de almoço familiar.

-E por falar no bispo Dom Cristiano, vocês conhecem a história do batizado de Atanásio? Sabiam que ele teve batizado importante? Foi realizado por bispo.

Alice, sempre sábia, delicadamente muda o assunto.

-Que história papai ter tido batizado de bispo é esta vovó?

O movimento dos corpos chegando para frente nas cadeiras, dava a entender que todos iriam falar ao mesmo tempo mas Anita foi quem sacou primeiro e fez a pergunta.

-É mãe, esta história do meu batizado até pra mim foi sempre meio confusa, meio nebulosa. Entra na conversa Atanásio.

-Ô Pai, tem mais é que ser assim mesmo, afinal você devia ser muito novo quando este fato aconteceu, replica Anete, a irmã gêmea de Anita. Atanásio ri meio sem jeito e continua.

-Lembro da senhora contar que papai até brigou com o bispo por causa da escolha do meu nome.

-Não, filho. Ele não brigou não. Discutiui só. O meu finado Júlio era ranzinza e cabeça dura, mas respeitava autoridade. Ainda mais autoridade do clero. Ele bem que tentou manter o nome que escolhera, mas argumento de bispo naquela época não era coisa pra ficar se ponderando ou discutindo. Ouvia-se e cumpria-se. Ponto final. Sucedede que o meu marido queria para o filho nome bem curto e que começasse pela letra A. Naqueles tempos havia passado lá pelas bandas da fazenda um homem que fez negócios com o seu avô, ela falava agora olhando para Rogério. Júlio errou as contas da compra feio. Pagou o dobro do que deveria ao comerciante desconhecido até então. Gente, não é que o homem, depois de dois dias de viagem em tempo de chuva e a cavalo, dando-se conta do engano do meu falecido Júlio não voltou no outro pé para devolver a quantia sobranete?

Meu filho, como seu pai ficou agradecido. Sabem o nome do homem? Era Ário, disse não me esqueço nunca. Naquela mesma noite, eu já prenha de uns seis meses, Júlio sentenciou.

-Já era do meu querer um nome curto e começando pela letra A e me aparece na vida homem tão justo e honesto chamado Ário. Mulher, o nome da criança se for menino será Ário. Se nascer moça será Ária.

-Isto ele pronunciou.

Fazendo idêntica careta, as duas irmãs já tão parecidas, disseram praticamente juntas.

-Graças a Deus que veio um menino.

Alice corta o pedaço de bife e ato contínuo, se dá conta do quão interessante para aquele público estava sendo a sua narrativa. Uníssonas, as vozes todas à mesa disseram alto: -e aí?

-Calma, gente. Comida fria é ruim, também tenho que ir me alimentando. Dizia gostando da atenção que lhe era dada. Não mastigado o tanto que deveria ter sido, o naco de carne já havia sido engolido, quando Anete já ponderava.

-Esta história não está fazendo sentido. O nome do nosso pai é Atanásio. Começando com a letra A, mas com quatro sílabas. Não é um nome curto como vovô havia querido.

-Aí é que entra a questão da discussão do Júlio com o bispo que Atanásio até achava ter sido uma briga. O bispo não aceitou de jeito nenhum colocar o nome escolhido por seu avô no menino.

-Vó, tem mais uma coisa. Também não faz sentido na minha cabeça um bispo ter ido batizar o papai. O que um bispo fazia lá naquele fim de mundo?

-Vamos colocar as coisas nos seus devidos lugares. Primeiro que lá é longe, mas não é o fim do mundo. Segundo que lá também, como todos os lugares da terra, faz parte de uma diocese e vocês todos sabem que toda diocese têm um bispo. Mas com isto, prestem bem atenção, eu não estou querendo dizer que tenha sido o bispo da nossa diocese o tal bispo batizador. O homem de Deus que batizou Atanásio nem era o nosso bispo. A diocese dele era pra outros cantos no nem sei aonde que é. O bispo de lá, como eu falei, era outro. Esse, que eu me lembre, nunca passou por aquelas bandas.

-É, este fato aumenta ainda mais a solenidade e importância do seu batizado, papai, falou Rogério, achando interessante a circunstância em que havia ocorrido o tal batizado.

-O que ocorreu de verdade foi que o bispo estava indo para Lajeado Liso de Santana, cidade também bem pequena, uns 50 km depois do nosso povoado. O carro dele não agüentou a serrinha. Deu na breca. Quebrou. Naquele tempo, ainda mais por lá...

-Fim de mundo. Alfinetou Anita, rindo.

-Recurso era escasso. O motorista veio então pedir para que hospedássemos o homem enquanto ele iria, a cavalo, porque lá não tinha carro disponível, buscar um mecânico. No vupvup e olhem que eu não podia correr daquele jeito, pois estava ainda de resguardo de Atanásio, arrumei o quarto de hóspedes para receber o bispo.

O pai de vocês nasceu de oito meses. Fraco e mirradinho. Chorava muito, mas chorava baixo parecendo o mimimi de ninhada de gatinhos e isto era mau sinal. O hóspede, um alemão dos seus dois metros de altura, tinha ouvido bom e escutou o choro. Pediu para ver o neném. Eu trouxe. Olhou e foi logo dizendo num português meio estrangeiro.

-Melhor batizar logo. Esse parece que não escapa e vai para o céu anjinho.

-Daí que se fizeram as arrumações todas de chamar os padrinhos, arrumar vela branca e virgem, veste alva e outras coisas da precisão para a cerimônia e lá estávamos nós na porta da capela de São Sebastião no aguardo da chegada de Rita preta, a zeladora e que tinha sido também a parteira que havia ajudado a vir ao mundo o meu Atanásio que deveria ter sido Ário.

-Qual nome vai se chamar a criança? Perguntou com seu vozeirão difícil de entender o bispo que era de nome Dom Karl.

-Vai se chamar não, seu Dom. Já chama. Todo mundo nas redondezas sabe que o pagãozinho se chama Ário, respondeu Rita Preta, toda orgulhosa de estar recebendo um bispo na sua capela.

-O porquê da Rita Preta não ter se contido permanecendo calada para que a família respondesse, devia-se também a terem sido delas as mãos que ajudaram na vinda daquele inocente a este mundo de meu Deus. Foi aí, exato nessa hora, que teve início a contenda.

-Herege, inimigo de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa Madre Igreja, não pode nomear cristão. Católico romano com nome de herege já basta eu, que me chamo Karl por homenagem dos meus pais, que eram do Partido Comunista, ao inimigo de Deus, Karl Marx.

-Vossa Eminência está redondamente enganado, falou Júlio não entendendo patavina de nada e já com o rosto corado.

-Este não é nome de herege nenhum. O meu filho se chama Ário por causa de um homem muito bom e honesto, que pelo que fez comigo só pode ser um cristão, que passou por aqui.

-Seu Júlio, eu já disse. Este é nome de apóstata. Eu não batizo. O menino vai se chamar de agora em diante Atanásio, Eusébio ou Eustázio. Estes sim foram homens fiéis. Soldados de Nosso Senhor. Combateram as porcarias de espinhos que este Ário queria trazer para machucar a Igreja. O senhor e a senhora dona Alice, façam o favor de escolher. Estou dando três opções: Atanásio, Eusébio e Eustázio.

-Graças a Deus que não era batizado anunciado e só a gente mesmo, nós os de casa, estávamos na capela em volta da Pia Batismal. A situação ia ficando meio delicada. Mão direita de Júlio ia do coçar o alto da careca ao puxar dos fios do cavanhaque e eu sabia que quando isso acontecia era porque o pai e avô de vocês estava encumbucado. Dando nos nervos.

-Rita Preta não ia nunca permitir que uma simples mudança de nome, dum menino que nem era ainda cristão, pudesse manchar a presença de tão grande autoridade na capela de São Sebastião.

-Sô Júlio, que diferença que faz? O senhor escolhe Atanásio e o nome continua começando com a letra A, como o senhor bem tinha estipulado. Ainda por riba, o menino ganha mais duas coisas. Uma desimportante que são as novas letras que compõem este novo nome. A outra é da mais grande valia. Seu filho agora além de deixar de ser pagão, ganha nome de santo. Aceite homem de Deus. Tome tenência.

-Júlio olhou direto pra mim e eu não baixei a cabeça. Ele baixou a sua e a balançou, bem devagar, por três vezes. Daí que a cerimônia começou e acabou de forma bem rápida, mas tudo feito com muita contrição.

-Meu filho, - falou Francisca, bem baixo e delicadamente, como era do seu feitio - agora nós já sabemos o porquê do nome do seu pai. Só que eu nunca ouvi falar desse Santo Atanásio. Nunca nem vi nem uma imagem dele. Vê lá no seminário quem foi este santo que deu nome ao meu marido e nos conta.

-Pode deixar, mãe. Eu também estou curioso por conhecê-lo e confesso a minha ignorância para vocês, nunca ouvi falar nesses três que o bispo deu como opções de nomes para o papai. Na minha próxima vinda aqui em casa todos ficarão sabendo quem foi Atanásio e esses outros dois homens.

IV

O ônibus nem bem acabara de sair da rodoviária, dando início às duas horas de viagem até o seminário na capital e já tinha entrado na cabeça de Rogério a cena da velha Alice contando para a família no almoço do dia anterior, o todo suceder do batismo do seu pai. De tudo que ouvira e que tanto o impressionara, duas coisas ressaltavam, indo e vindo intermitentemente. A liderança de Rita Preta e a postura de excessiva autoridade daquele bispo estrangeiro. Coisa bonita, refletia ele sobre a parteira. Como aquela mulher havia se colocado de forma bastante líder e livre perante o bispo e à sua família. Mulher, pobre e negra. Um ser humano por estes três atributos discriminado e que se coloca perante uma grande autoridade desconhecida de forma tão assertiva e porque não dizer, cristã. Como teriam sido as mulheres das primeiras comunidades? Certamente como Rita Preta. Apesar da discriminação, fortes e líderes. Bastante esquecidas por séculos, há hoje um resgate do papel das primeiras mulheres do cristianismo dentro da Igreja. Hoje sabemos o quão importantes elas foram na formação e manutenção das comunidades dos primórdios da nossa Igreja. Que pena ter havido depois, pouco a pouco, um retrocesso do papel feminino no exercício dos carismas mais ligados à liderança na condução da fé cristã. Remando contra toda corrente, na sociedade extremamente machista do seu tempo, Jesus de Nazaré elevou a mulher a uma dignidade nunca antes havida. Não deviam ter os nossos primeiros apóstolos mantido e até mesmo ampliado o espaço feminino na Igreja? Perguntava para si mesmo o jovem que se prepara para o sacerdócio. As raízes mais fortes e marcantes da família são femininas. A avó Alice, a mãe Francisca, as irmãs Anete e Anita, são todas grandes pilares de sustentação na sua vida. Colunas de apoio no encaminhamento da vocação de maior serviço aos irmãos na Igreja, por amor a Jesus Cristo.

A pergunta veio de chofre, imediata, como que batendo em sua testa: como teria agido Jesus, tivesse sido ele e não Dom Karl o pastor daquele batizado na capela de São Sebastião? Disso Rogério tinha certeza: teria sido bem diferente. Jesus de Nazaré tinha autoridade e por ter total consciência dela, Ele não precisava ser autoritário. Pensou no seu avô. Como teria sido ele fisicamente? Júlio faleceu quando Rogério nem era ainda nascido. Agora já sabe, pela história do batizado do pai Atanásio, homem que poderia ter tido outro nome, que o avô era careca. Seria igual a careca do seu filho? Seriam parecidos, sendo a maior diferença somente o uso do cavanhaque por Júlio? Admirou o avô por ter querido homenagear aquele homem honesto que passou de forma fugaz pela sua existência. Será que Júlio reviu aquele comerciante, o Ário? Não, com certeza não, concluiu, como se pudesse afiançar isto. Ário nunca mais passou por aquelas rotas. Teve pena de Júlio por ele ter cedido ao capricho de Dom Karl, mas ao mesmo tempo admirou a sua obediência e humildade ao aceitar a imposição feita. Sim, estava aí, diante dele, um bom exemplo do sentir com a Igreja. Vovô Júlio nem concordava com o que lhe estava sendo imposto, mas aceitou a ordem. Baixou a cabeça, permaneceu fiel à Igreja, mesmo com o ônus de não ter podido homenagear o comerciante honesto e acolher no seu filho um nome diferente daquele que havia escolhido.

Ser da família, pensa... Sentir com a igreja...

O “sentir com a Igreja” preconizado por Inácio de Loyola, tem como condição básica, a pertença à Igreja, ser um dos de casa, ser da família. Sentir com a Igreja é o mesmo que se alegrar e sofrer com ela. Dentro dessa ótica há o que é mutável e o que deve permanecer sempre. São diferentes e, portanto, é necessário que mudem, os costumes e as formas de piedade de cada época e lhe vem ao pensamento o contexto da Igreja Medieval com seus louvores e todos os seus ritos. Pensa também na Igreja defensiva, atacante e ressentida de tantos e tantos séculos. Lembra o contexto muitas vezes vivido de um grande paternalismo da Igreja ao ocultar ao povo a realidade, talvez julgando que não fossem os fiéis inteligentes o bastante para apreender e avaliar a situação. Fecha o cenho ao pensar no respeito religioso às várias autoridades civis totalmente indignas de receber tal reverência. O que não pode mudar, o que tem valor permanente é a Eclesiologia de Comunhão e participação. Afinal, a Igreja não é algo exterior, mas é uma vivência do Ressuscitado, do seu Espírito. Sentir com a Igreja é obedecer nas duas dimensões. Na vertical e na horizontal. Só que não são poucas as situações em que a submissão se dá de uma forma pobre, ocorrendo somente em relação à hierarquia. Sentir com a Igreja, constata, é submeter-se não só diante da hierarquia, mas também em frente à comunidade. É ter atitude de louvor, agradecendo ao Pai pelas coisas boas que há nela. É acolher com muito respeito e carinho o pluralismo eclesial. Os vários modelos de Igreja existentes. Até aqueles que não são nem um pouco simpáticos ao seu modo de viver a fé. Sentir com a Igreja, vai refletindo Rogério, é dar um tratamento discreto aos defeitos. É criticar em clima de compreensão, buscando solucionar os problemas e não somente identificá-los.

Chegou no seu coração uma pena muito grande de Dom Karl. Entendeu as suas razões, ele era fruto de mais de mil anos de uma instituição de poder, acostumada desde há muito tempo a uma relação muito forte e íntima do altar com o trono. Quantas vezes alguém, situado numa posição inferior, havia tido coragem de questionar ou, mais ainda, dizer não a Dom Karl? Certamente muito poucas. Talvez umas duas ou três vezes. Quem sabe nunca tenha havido situação desse tipo desde o dia da sua sagração episcopal. Como então ele poderia fazer diferente? Humanamente era impossível esperarmos dele postura

oposta àquela tomada. Refletindo agora no campo da fé, teria que ter havido uma ação do Espírito para que, numa estrutura de Igreja anterior ao Concílio Vaticano Segundo, Dom Karl ousasse agir de forma a gerar comunhão e participação. De forma libertadora, poderíamos dizer hoje. Teria então sido profeta. Teria sido santo. No melhor sentido bíblico do termo, teria sido rei.

O povo de Deus de lá era capacitado para entender o bispo Karl caso ele tivesse profetizado, agindo de forma oposta àquela que desempenhou no batismo de papai? Rita Preta, sim. Vovô Júlio, também. Estes pareciam estar preparados para o porvir da Igreja nova gestada com o Concílio. Mas teria havido problemas. Muitos. Rogério ri para si mesmo balançando negativamente a cabeça. Mas isto era óbvio, não pode haver santidade sem problemas. Nunca vai acontecer santidade na Igreja sem que coexista com ela a dor e o sofrimento. Caso Dom Karl tivesse agido de forma profética, nesse caso teria atraído para si problemas. Jesus de Nazaré nos apresenta um Deus que não promete acabar com as confusões e dores da vida. O Deus de Jesus é aquele que vem ao mundo para dar um sentido maior a eles. Resolvê-los e extingui-los é tarefa nossa. Humana.

“Senhor, envia o Seu Espírito e tudo será criado, e será renovada a face da terra”, reza. A força do Espírito. O Deus desconhecido, principalmente de nós, que fazemos parte da Igreja do Ocidente. Espírito que o Senhor Jesus nos prometeu que ficaria conosco até os confins dos tempos e que veio pleno, veio todo em Pentecostes. Manda um novo Pentecostes Senhor, e renova a face da terra, nos faz um no seu Amor.

Nunca aquela viagem, tantas vezes acontecida, durara tão pouco. Ao abrir os olhos saindo da reflexão feita, Rogério se dá conta de que já estão chegando no centro da cidade e conseqüentemente à rodoviária da metrópole. Corre os olhos pelos passageiros e repara serem bem poucos aqueles que haviam embarcado com ele no terminal de sua cidade natal. Tinha ocorrido uma grande troca, muitos daqueles que lá subiram haviam ficado pelo caminho. Deste mesmo caminho, vários outros homens, mulheres e crianças surgiram. Filhos das zonas rurais eles pareciam estar vindo à cidade maior neste domingo à noite, para praticamente fazer duas coisas: os primeiros para entrar na fila, que a esta hora já deveria estar bem comprida, na esperança de conseguir uma consulta médica no sistema público de saúde, os demais haviam deixado a família em casa e vinham para o trabalho nos lares e na construção civil.

Fecha de novo os olhos. O ônibus bem próximo da rodoviária e preso no engarrafamento. São todos homens do caminho. Escrito com letra maiúscula: Caminho. A lembrança da palavra como sinônimo da sua fé deixa consolado o coração. Sem ter levantado os braços, faz conchas com as mãos e aproveitando a penumbra no coletivo – não era bom que reparassem. Eles não entenderiam seu gesto – abençoa, olhos fechados aquele povo de Deus. Povo do Caminho. Povo todo dia peregrinando no caminho.

A mulher à sua frente parecia estar presa no corredor. Lembrou-se de Rita Preta.

-Deixe que eu ajude a senhora, me dê esta bolsa mais pesada.

A senhora gorda e negra, já lá com os seus sessenta anos, tem muita dificuldade em desembarcar com as três sacolas. Rogério que vinha atrás se oferece, já tomando das mãos dela a maleta mais pesada. A velha sorri agradecida.

-Deus te abençoe, meu filho. Muito obrigada.

Abençoada por ele minutos antes, a dona retribuía a bênção recebida.

V

Como seria estar com o Arcebispo doente? Apesar das várias tentativas, Rogério não havia conseguido imaginar-se nessa situação. Nos momentos em que o vira, solenidades, missas e nas visitas mensais ao Seminário, Dom Cristiano dava a impressão de ser um homem muito forte. E era. Padre Heli comentara que nem gripe ele tivera nesses últimos anos. A situação de agora do bispo, um homem tão saudável até faz pouco tempo, era um convite à reflexão sobre a fragilidade humana. Como somos pequenos e vulneráveis. ‘Vigiem e rezem porque vocês não sabem a hora’. ‘Quando parecemos ser fortes, aí é que descobrimos o quanto somos fracos’. Aproveitava o convite e meditava.

A quarta-feira vai ser o dia em que estará por duas horas no serviço ao bispo doente. Na segunda irá Vitor e na terça será o Mário. Havia combinado para aquela noite uma conversa com Vitor. Estava curioso. Como teria sido a experiência do colega?

-Nem cheguei a ir lá no Palácio Episcopal. Hoje e amanhã são dias em que ele está realizando exames o dia todo no hospital. Se vocês esperavam pela minha experiência para saber como melhor se conduzir, dançaram. Rogério, você será o primeiro a cuidar de Dom Cristiano. Será você quem nos dará as dicas sobre o como deveremos proceder com o nosso pastor acamado.

Apesar de também rir com os amigos, Rogério não conseguia disfarçar deles a preocupação que o serviço ao bispo lhe causava. Ainda mais agora, já que seria ele o primeiro dos cinco jovens a exercer o papel de ajudante do arcebispo na sua moléstia.

Chegou à bela casa em estilo neocolonial, onde se situava a Cúria, quinze minutos antes da hora marcada. Pensou ficar dando voltas no quarteirão, não só para que chegasse a hora agendada, mas principalmente para que se dissipasse a estranha sensação de temor frente ao desconhecido, que lhe acometia desde o momento em que acordara na manhã. O raio perfurando a serra como uma lança em zigzag, seguido momentos após do ribombar do trovão, fez com que tomasse consciência da temeridade em não tocar imediatamente a campainha do Palácio.

Teve a impressão de que a religiosa que lhe abriu a porta estava aguardando-o com a mão já na maçaneta, tal foi a rapidez com que o toque de campainha foi atendido. Nunca vira daquele hábito. Qual seria a congregação da freira já idosa, muito magra e empertigada, que o levava casa adentro?

-Seminarista, seu nome é...?

-Rogério, respondeu ele.

-Sente aqui e fique à vontade. Vou anunciar a sua chegada a Dom Cristiano.

Os móveis de madeira muito escura, as cortinas de veludo pesadas, azuis quase negras e as imagens barrocas em tamanho natural da Sagrada Família e de Nossa Senhora de Bom Sucesso, davam ao ambiente um tom de sobriedade e imponência bem maiores do que a imaginação fértil de Rogério teria sido capaz de supor. A freira desapareceu pela

porta meio escondida entre duas estantes tão altas quanto largas, cheias de livros que pareciam ter sido arrumados por tamanho e pela cor da lombada.

Rogério não conseguiu ficar sentado naquela vetusta e macia poltrona que lhe havia sido indicada pela irmã. Rato assumido de biblioteca, lá já estava ele pesquisando que livros eram aqueles. Rápido reparou que eram documentos da Igreja, Encíclicas, Código de Direito Canônico, Bulas Papais, textos oriundos do Concílio Primeiro do Vaticano e obras de alguns teólogos dos séculos XVI ao XIX sobre o papel da Igreja no mundo moderno. Em meio a eles, naqueles poucos minutos em que pôde realizar sua pesquisa nessa biblioteca, Rogério descobriu alguns livros e documentos que pareciam meio perdidos naquela multidão de textos focados na Igreja instituição, fortaleza e depósito da fé no último milênio. Escondidos e humildes frente a encadernações luxuosas, muitas delas de couro, daqueles volumes, repousavam, como se esperassem um dia serem descobertos, os documentos das Conferências Episcopais Latino-americanas de Medelin e de Puebla, bem como livros dos teólogos brasileiros Frei Betto, Leonardo e Clodovis Boff, sobre as comunidades eclesiais de base e a Igreja. Com a palma da mão direita aberta enquanto segurava o livro com a esquerda, bate carinhosamente no texto daquele que tinha sido seu professor no rápido curso de Eclesiologia que havia feito pouco antes de se decidir pelo seminário. O livro do Padre Vitor Codina trazia o título de *Eclesiologia a partir da realidade Latino-americana*. A edição era em língua portuguesa e Rogério intentou pedi-lo emprestado, quando já tivesse maior intimidade com a freira de hábito estranho, mulher que parecia ter chegado direto, pensou ele, sem ter feito nenhuma escala antes, de algum castelo medieval.

-Pode vir, meu filho, Dom Cristiano já te espera. Meu nome é Sórora Maria da Igreja Triunfante. Qualquer coisa é só me chamar com um toque somente na sineta que se encontra à cabeceira do nosso Arcebispo.

Enfiou rapidamente o volume do Padre Vitor entre dois grandes livros pretos encadernados e que tratavam dos pontos a serem defendidos mediante os ataques dos iluministas. Assustado como se tivesse sido pego num flagrante delito, Rogério só conseguiu balbuciar algo não inteligível, fazendo com que a religiosa mostrasse uma cara de poucos amigos. Seguiu-a. Agora passavam por um longo corredor. Nas paredes pinturas dos primeiros bispos e depois fotografias de seus paramentados seguidores, mãos direitas à frente, como que para mostrar a quem os estivesse admirando a autoridade que lhes era conferida por aqueles grossos anéis. Devem ser os antigos bispos da Arquidiocese, ia pensando o jovem seminarista naquele interminável corredor com as suas muitas portas cerradas, fazendo aguçar a curiosidade de saber o que haveria atrás delas. Ao contrário do que sentira desde a segunda-feira, tinha uma calma muito grande. Ouvindo os seus próprios passos e os da freira de nome e hábito tão estranhos, Rogério ia trazendo para a consciência esta nova – e bem agradável – sensação de tranquilidade.

VI

-Dom Cristiano, este é o...

-Rogério, fora ele a completar a frase novamente tirando a freira da dificuldade com o esquecimento do seu nome.

-O seminarista que ficará com o senhor até às 16h para ajudá-lo naquilo que o senhor necessitar.

O sorriso franco e aberto e o olhar de paz, apesar da tentativa do gesto de saudação não ter conseguido se concretizar, o tranquilizaram ainda mais.

-Deus te abençoe, meu filho. Ele, com toda certeza saberá retribuir a você o carinho de estar aqui com este velho bispo. Preso que estou neste quarto de um Palácio tão grande. Após ter se curvado para beijar o anel do bispo, repara estarem os dois sozinhos naquele ambiente. A freira discretamente já havia saído e ele, definitivamente, não sabia o que devia responder à bondosa saudação do seu pastor. Desta vez não grunhiu nada. De jeito mais simples e lógico, sorriu apenas em retribuição.

-Você conhecia o Palácio Episcopal, Rogério?

Falando baixo, longe dos microfones e dos púlpitos onde das outras vezes o ouvira e talvez também devido à doença, a voz de Cristiano soava bem diferente. Paternal até. Lembrou-se, num repente, do avô Júlio. Teria sido assim a sua voz?

-Não, Senhor Arcebispo, esta é a primeira vez que venho à sua casa,

-Só agora estamos nos conhecendo, preciso então lhe dizer duas pequenas coisas, meu seminarista: você não precisa me chamar de Senhor Arcebispo. Pode me chamar de Cristiano, ou se você não conseguir ficar à vontade, de Dom Cristiano. Caso me chame de Senhor Arcebispo, eu serei obrigado a chamá-lo de Senhor Seminarista.

Dom Cristiano, bem relaxado, falava agora sorrindo.

-O senhor disse que eram duas coisas...

-Ah, pois sim. Você tem razão. A segunda coisa é que esta não é a minha casa. Ela é a nossa casa. Infelizmente, apesar de estar há trinta anos como pastor da Arquidiocese, eu não consegui, não tive a competência – e esta é uma grande falta da qual deverei estar brevemente prestando contas ao Nosso Senhor Jesus Cristo - em fazer dela uma casa aberta para todo o povo. Por não ter alcançado isto, nos últimos quinze anos eu não residi mais aqui.

Notando a expressão de surpresa do seminarista, ele continuou.

-Trouxeram-me para cá à força. Depois que a doença de forma mais ampla e definitiva tomou conta de mim, eu que já não era dono das minhas vontades, pois se o fosse este Palácio não seria assim, perdi-a mais ainda. Reuniram-se e foram comunicar-me que estavam me trazendo para cá, onde seria bem mais fácil o cuidado comigo até a minha recuperação. Sutis eles são, não acha? Tenho plena consciência de que a minha recuperação se dará no céu. Aqui na terra já sou fogueira em final de fogo.

Aquelas duas coisas que agora sabia do seu bispo, fizeram com que gostasse muito mais dele. Que o admirasse e respeitasse não apenas por ele ser o seu Arcebispo, mas porque começava a ver aquele ser humano sob uma nova dimensão. A de um grande homem. Um grande homem de Deus.

-Meu filho, uma das primeiras coisas que eu aprendi aqui no seu país, logo que nele eu tinha chegado ainda padre novo, recém ordenado, foi que as visitas são mais importantes do que o visitado, portanto a hora não é para que eu fale, mas para que eu te escute. E eu quero te ouvir. Conta-me, filho da sua família, do seu povo, do lugar de onde você veio. A lembrança da minha pátria longínqua, dos meus pais, há tanto falecidos e que permanecem

por mim tão amados, tem estado muito viva em mim, neste tempo de fraqueza e limitação humana que vou vivendo. Conta, filho. A hora é do seu falar...

A princípio timidamente e depois como um jorro de torneira pouco a pouco sendo aberta até esguichar seu líquido com toda força, Rogério passou as duas horas com o bispo viajando pelas suas raízes, visitando as suas fontes. Fez-lhe muito bem sentir que não viajava sozinho. Cristiano ia com ele, vivendo também cada pedacinho da sua história. Sórora Maria avisando ter terminado o seu tempo e que o Arcebispo precisava descansar, pegou-o contando a história do batizado de bispo do seu pai Atanásio. A testa franzida não deixava nenhuma dúvida da decepção de Cristiano com o fim da conversa.

-Eu não te disse que não tenho mais nenhuma vontade?

Beijando o anel do seu Arcebispo, Sórora Maria saiu do quarto passando a impressão de não ter ouvido as palavras cheias de ironia do doente.

-Deus te abençoe, meu filho. Vou te esperar na próxima semana. Preciso saber deste batizado até o final.

Antes de abrir a grande porta do Palácio Arquidiocesano, Sórora Maria da Igreja Triunfante, admoestou-o de que não deveria nas suas estadas conversar muito para não cansar ainda mais Sua Eminência. Sorrindo para a freira, Rogério parecia dizer-lhe que não seguiria o conselho. Ao contrário do bispo, ele é de opinião que o mais importante não é a visita, mas o visitado e que é este quem deve dar a toada a ser observada no encontro. Se Dom Cristiano quiser conversar o tempo todo, que dialoguemos pois. Ele tem outros muitos tempos para o descansar. Apesar das muitas poças d'água na rua, fazia um sol forte de meio de tarde.

VII

Esperavam-no no seminário os demais voluntários. Foi chegar em casa e a chuva de perguntas dos colegas caiu forte sobre ele.

-O cara é legal? Foi logo indagando Felipe com seu jeito irreverente.

-O cara é dez, ele é dos nossos, respondeu com ênfase Rogério, entrando no clima proposto por Felipe e fazendo com que todos se soltassem.

-Então ele não fica calado o tempo todo e nem somos obrigados a permanecer de pé ao seu lado?

-Claro que não, Cândido. Dom Cristiano é pessoa muito simples e simpática. Imaginem vocês que eu já tive que contar a minha vida toda pra ele...

-Você se confessou com o bispo? Ele quis que você se confessasse? Agora era Vitor que, assustado, estava perguntando. Sorrindo para ele Rogério emendou:

-Pessoal, não é nada disso que vocês estão pensando. Eu também tive preocupações quanto à recepção e ao tempo que iria passar com o nosso doente e por isto entendo os receios de vocês. Fiquem calmos. Não tem nada a ver vocês ficarem temerosos. Ele é muito legal e vai deixá-los totalmente à vontade. Não me confessou e problema algum teria havido se tal confissão tivesse acontecido. Conte-lhe a minha vida porque ele queria conversar e saber mais sobre mim. Simplesmente por isto. Figura estranha por lá só conheci uma. Sacam o nome da irmã que me recebeu e que cuida do Palácio Episcopal? Ela se apresentou pra mim como Sórora Maria da Igreja Triunfante. Veste um hábito parecendo

medieval. Tomei o maior susto quando ela abriu a porta do Palácio. A estranha mulher parecia ter viajado em algum túnel do tempo, tendo chegado naquele exato momento de algum mosteiro escondido em eras imemoriais para atender ao meu toque de campainha.

-Como é Rogério, valeu a experiência do serviço ao bispo?

-Claro, Padre, foi muito bom. Pode continuar contando comigo. Quarta-feira que vem, lá estarei eu de novo.

-Que bom que você gostou. Dom Cristiano é uma pessoa muito simples e amiga. Vocês outros todos irão também gostar dele. Tenho que celebrar agora na matriz. Já estou atrasado. Depois quero saber mais da sua experiência, falou Padre Heli, já abrindo a porta principal do Seminário.

Tranqüilizados todos pelas palavras de Rogério, a conversa mudou de rumo. O assunto agora já era futebol. Minutos depois Rogério deixou a discussão já bem acalorada naquele momento.

-Turma, o papo está bom, mas como não consegui, ainda, convencê-los da superioridade do meu time, vou procurar fazer algo mais fácil. Estou indo estudar um pouco da língua grega. Semana que vem teremos prova e, por enquanto, a matéria está, literalmente, sendo grego para mim...

Ao caminhar para a sala de estudos Rogério pensava no dia tão intenso que tinha vivido e na obrigação que havia assumido com a sua mãe de levantar maiores dados sobre o xará do pai, o tal do Atanásio. Que o santo tivesse um pouco de paciência e aguardasse mais um pouco. A matéria de grego por estudar, apesar de difícil e até um tanto chata na sua concepção era assunto mais urgente.

VIII

-Esse clima daqui é tão diferente do da capital.

Constatava pela enésima vez.

-Aqui é sempre no mínimo cinco graus mais frio do que lá na cidade. Sabe, Francisca, é por isto que nunca me adaptei a morar lá.

-Eu também, Alice, caso tivesse sido obrigada a residir na capital, teria sentido muita dificuldade para permanecer nela. Os de lá quando vêm para cá riem de nós. Das somente duas ruas com os seus pedacinhos todos transversais, dando a idéia, quando avistada lá do alto do mirante, de uma escada torta que vai serpenteando seguindo os altos do morro.

-É por isto - retomava Francisca - que aqui é bem mais fresquinho. Vivemos no alto da serra. Bem nas alturas e, portanto, mais próximo do céu. Em pleno verão e estamos com a temperatura tão amena.

-É mesmo. E sabe mais? Adoro dormir sentindo uma pontada de frio. Ter que ficar toda coberta.

Pela Rua Direita, a mais comprida, as duas mulheres vão conversando, caminhando devagar, observando e cumprimentando a todos que vão cruzando com elas. Estão indo visitar Rita Preta, a antiga zeladora da Capela de São Sebastião. As conversas do jantar de sábado reavivaram velhas lembranças. Resolveram ir se encontrar com a velha.

-Cento e três anos! Que mulher mais forte! Rita Preta é a única pessoa centenária que eu conheço. Mulher forte e lúcida. Com esta idade toda e ainda dá conta de tudo. Tem lembranças de todos. Quisera eu que Deus me concedesse a graça de chegar até uma idade tão avançada, admirava-se Francisca.

-E dos quatro filhos que teve só restou Sebastiana. Os outros três morreram faz tempo.

-Graças a Deus que Tiana está viva. Além de zelar pela mãe, ela também herdou a zeladoria da Capela da Rita Preta. Sebastiana cuidando da Capela de São Sebastião. Será que foi por ter o nome do santo que ela, ao contrário dos irmãos, se ficou viva?

-Ô de casa!

Já tinham chegado. A casa bem simples, porta e duas janelas azuis, uma de cada lado. Pintura das paredes de cal já bem esmaecida pelo tempo. Cor mais para terrosa. Cor de burro fugido, dizia o povo de lá.

-Ô de fora! Respostou Tiana Preta lá de dentro.

-Mãe, se ajeite que temos visita.

Puderam escutar Tiana avisando a sua mãe da chegada das visitantes. Não ouviram, porque ela já falava bem baixo, foi a resposta de Rita:

-Sua boba, eu já tinha escutado. É a voz, eu aposto que é da Dona Alice, mulher do finado Júlio.

-Pois mãe, não é que a senhora acertou de novo?

Dente nenhum na boca, Rita ria da constatação pela filha da sua lucidez e bom ouvido.

Assuntaram de tudo, falaram de todos. Vivos ainda e também daqueles que já adormeceram na paz de Nosso Senhor. O assunto ficou só esticando parado nele mesmo, foi quando a lembrança de Alice e Rita pousou naquela visita de bispo acontecida cinquenta anos atrás. Sebastiana, apesar de nesta época já ser uma menina quase adolescendo nos seus dez anos, não esteve presente ao batizado na capela e não se lembrava do fato, que com certeza foi muito comentado por lá. Francisca ouvia tudo e sempre que sentia alguma discrepância nas versões da sogra e da zeladora sobre o batizado do seu marido, apontava logo. Queria ter a história correta do caso e para isto, nada melhor do que conhecer e confrontar as versões de duas das personagens principais daquele ato. Precisava saber também quem havia feito o registro do batizado no livro de assentamentos da Capela.

-Mas foi ele mesmo, Dom Karl. Ele até fez uma observação no final explicando porque havia feito o batizado fora da sua diocese. Que era caso de doença da criança. Sabe, Dona Francisca, esse bispo podia entender muito do seu bispado e das coisas da Igreja, mas de criança e suas mazelas, ele não compreendia nada. Disto de doença de neném novo, eu afianço que ele era desinteligente. Eu que ajudei o menino – como era mesmo o outro nome que ele devia de ter? – Ah, isto mesmo, Ário. Como estava dizendo, eu que ajudei ele e mais tantos e tantos inocentes a verem a luz, sei quando a criança vai ou não vai vingar. Sua criança era mirrada, Dona Alice, mas tinha muita resistência para vencer a dona da foice se ela passasse ali por perto.

-Se a senhora sabia que ele não ia morrer, por que não falou isto com o bispo? Questionou Francisca mostrando toda a sua curiosidade.

A velha riu forte, mostrando sem pudor a boca banguela e disse:

-Mas eu fiquei calada foi por dois motivos. O primeiro porque eu não podia deixar perder a oportunidade de ter um bispo visitando a Capela. O segundo é porque o menino, o finado Júlio e a sua esposa Alice, que está aqui presente conosco hoje, mereciam que mereciam o batizado importante como foi acontecido.

Assentindo com a cabeça, Francisca mostrava a sua concordância com os argumentos de Rita Preta. Ao se despedirem, indagaram de Sebastiana se seria possível elas terem acesso ao batistério de Atanásio. Queriam ver a letra do bispo no assentamento. Conhecer cada palavra que ele lá deixara registrada naquele momento.

IX

O intenso bocejar já contamina os seminaristas mais próximos durante a oração da manhã na Capela do Seminário. Na noite anterior, lembrado que estava da promessa feita à mãe de levar para os de casa quem tinha sido Atanásio, Rogério enfurnara-se na biblioteca. A pesquisa fora tão interessante que quando se deu conta do tempo, já era alta madrugada.

Inicialmente não tinha a pretensão de viajar para casa em mais este final de semana, mas o que ele encontrou a respeito dos Padres da Igreja – agora ele já sabia que se tratavam dos Padres da Igreja – citados pelo bispo que havia batizado seu pai, fizeram com que mudasse de idéia. Queria porque queria estar junto à família para falar-lhes das descobertas feitas. Como apreciara as palavras de Rita Preta ao induzir seus avós na escolha de Atanásio como nome da criança. Nos seus estudos sobre estes bispos. Sim, todos os três haviam sido bispos, ele se surpreendera ao constatar a quantidade de sucessores dos apóstolos que nos últimos dias têm rodeado a sua vida: Dom Karl, Dom Cristiano, Dom Atanásio de Alexandria, Dom Eustázio de Antioquia e o mais polêmico deles, Dom Eusébio de Cesaréia.

Ao contrário da última vez, a viagem desta feita pareceu-lhe bem maior. Deu a impressão de que a distância havia aumentado, tamanha era a vontade de chegar para relatar-lhes imediatamente as novidades pesquisadas. A realidade não costuma ser como nós a projetamos e foi isto o que aconteceu na sua chegada. Não havia ninguém em casa. Seus pais tinham ido ao mercado para prover as compras do mês, Alice visitava uma amiga doente e das filhas, as suas irmãs, notícia nenhuma havia dos seus paradeiros. Dona Raimunda, sempre atenta a tudo que acontecia nas vizinhanças, rapidamente, tendo visto Rogério dar com a cara na porta, tinha feito o relatório completo do que observara a respeito dos moradores da residência diante da sua.

O pior de tudo é que como a casa se encontrava trancada, o mais razoável a proceder seria a aceitação do convite da vizinha para estar em sua casa até que retornassem. Pelo menos não precisarei ler o jornal da semana. Até que o meu povo chegue já estarei ciente de tudo o que tem acontecido na comunidade, foi pensando Rogério enquanto atravessava a rua. Estava com sorte. Menos de meia hora depois, Alice chegava, cabeça baixa, deixando entrever nas mãos o terço que rezava todas as vezes que caminhando se encontrasse sozinha. Nem bem Alice e o neto haviam entrado em casa, ouviu-se o ronco do

motor do carro aninhando-se na garagem. Ainda dentro dele Rogério vê seus pais e, no banco traseiro, Anete e Anita. Sorri. A repórter Dona Raimunda falhara. Suas irmãs tinham ido também fazer as compras com Francisca e Atanásio.

Tinha todo sentido a ponderação da mãe, convidando todos para o almoço fora. Além de não ter vontade nenhuma de enfrentar a cozinha. Afinal, estava cansada das compras feitas, o momento com a presença do filho seminarista passara a ter uma conotação especial. Ainda mais que ele vinha com novidades interessantes para contar. Notícias do xará de Atanásio, assunto que estava por demais envolvendo a todos de casa nos últimos dias.

-No restaurante do Seu Antônio, o bom português, tem uma mesa redonda nos fundos. Da última vez que estivemos lá, eu até contei as cadeiras. É perfeita para nós. Longe dos outros ouvidos e o melhor é que é do tamanho exato para a família. A concordância imediata de todos veio junto ao apressamento de Alice.

-Vamos logo, antes que outra família de seis pessoas, chegando primeiro, resolva tomar a nossa mesa.

Dona Raimunda não deve ter entendido patavina de nada. Nem bem acabara de ser guardado, eis que a garagem se abre e lá vai o automóvel de novo rumo à rua. Só que agora, dentro dele, não havia espaço nem para os anjos da guarda. Estes, com toda certeza, e é para isto que elas foram feitas, usaram das suas belas asas e rumaram também para o Sô Antônio, voando na velocidade do veículo e bem em cima dele.

X

Apesar de ter a cabeça sempre baixa, Alice foi a primeira a ver que a mesa redonda estava vaga. O atraso do garçom em atendê-los serviu de auxílio a Rogério para que desse início ao seu relato. Quando enfim o empregado se aproximou da mesa, estavam todos tão entretidos com a história que nem se deram conta da sua presença ao lado da mesa. Precisou repetir três vezes que estava às ordens. As pausas para que fossem feitos os pedidos foi usada pelo relator na concatenação dos fatos e idéias. Para que eles entendessem a história de Atanásio e dos outros dois bispos era necessário que se fizesse toda uma contextualização do ambiente político e religioso vivenciado por aqueles personagens e isto não era nada simples. Nossos pastores tinham vivido em tempos de grande complexidade e turbulência.

-Papai além de ter sido batizado por um, também tem o nome de bispo. Um dos grandes Padres da Igreja continuou a falar Rogério.

-Afinal, ele era padre ou bispo? Anita, fazendo cara de que as coisas estavam indo mal porque ela não estava entendendo, perguntou. Rogério, mesmo sem que esperasse este tipo de questionamento ainda quase no início da sua história, sorriu para a irmã. Num rápido passar de olhos pela mesa notou que a dúvida de Anita era também a de todos.

-Gente, todo bispo é padre no sentido de presbítero, aquele que recebeu o sacramento da ordem. É um sacerdote ministerial. Atanásio foi padre neste sentido de ter sido ordenado Mas foi também bispo no sentido de ter sido sagrado como sucessor dos

apóstolos e responsável pelo pastoreio de uma parte do povo de Deus. Mas o significado que se dá aos Padres da Igreja é mais amplo. Tanto que dentre eles nós vamos encontrar também leigos.

A expressão Padres da Igreja no seu sentido mais focado nomeia os autores cristãos da antiguidade, tanto clérigos quanto leigos, como eu lhes disse, que se distinguiram pela qualidade e profundidade da sua doutrina, pelo caráter exemplar de vida e pela aprovação da Igreja. Num aspecto mais ampliado e mais usual, são também denominados como Padres da Igreja outros autores cristãos notáveis dos primeiros séculos, ainda que sua vida ou doutrina não tenham sido completamente isentas de fraquezas ou erros, alguns até mesmo graves, como veremos quando eu estiver lhes falando de Eusébio de Cesaréia. Neste sentido mais aberto são levados em conta o grande valor do conjunto das obras e também a influência rica e fecunda que eles exerceram no seio do cristianismo antigo.

A época dos Padres da Igreja tem início na segunda metade do primeiro século. Os primeiros textos “patrísticos” são do mesmo tempo de uma boa parte dos escritos do Novo Testamento. No Ocidente o tempo dos Padres vai até o Século VI, diferentemente do que ocorre no Oriente onde este período se estende por mais dois séculos, indo até o Século VIII.

-Muito interessante – atalhou Atanásio – você está nos dizendo que os primeiros Padres da Igreja foram contemporâneos dos Apóstolos. Isto significa então que alguns deles até podiam esta vivos quando da morte e ressurreição de Jesus.

Rogério fica um momento em silêncio enquanto mentalmente faz as suas contas.

-Mais ainda, papai. Quem sabe, alguns deles não tenham até conhecido a família de Jesus em Nazaré?

-E por que não o próprio Jesus? Encerrou Anita.

-A ciência que estuda esta literatura cristã dos primeiros séculos é chamada pelo nome de Patrística, ou pelo seu sinônimo, Patrologia. Há hoje na Igreja uma redescoberta dos Padres. A riqueza dos seus estudos e da sua teologia tem servido para a renovação teológica e litúrgica ocorrida em torno do Concílio Vaticano II. A assimilação dos escritos patrísticos é fonte essencial no diálogo ecumênico entre as igrejas separadas, por exemplo.

Com um muxoxo Alice dava a entender que era hora daquela explanação voltar para o essencial, ou seja, para a figura daquele que dera nome ao seu filho. Bom entendedor que era, Rogério, com uma rápida justificativa sobre a necessidade que teve de explicar primeiro o que eram os tais Padres da Igreja, tomou de novo a trilha de Atanásio.

-Nascido por volta do ano 300 da era cristã, nosso bispo viveu num tempo de grandes turbulências na Igreja e na política. Aliás, é importante observar para vocês que naquele tempo estas coisas de religião e política andavam bem misturadas, como vão logo notar. Também na sua cidade natal de Alexandria, tinha por estes tempos um padre muito persuasivo, dotado de grande capacidade oratória e inteligência, que andava questionando a divindade de Jesus. Para este padre, somente Deus era o transcendente, aquele donde tudo derivava.

O nome desse sacerdote era Ário. Para ele, Deus era o princípio sem princípio, separado de todos os outros seres por um abismo intransponível. Por causa disto, para Ário,

o Verbo não é sem princípio, porque é derivado do Pai e está encarnado no mundo, o que era uma coisa totalmente absurda e inconcebível para Deus, que era, conforme a sua teologia, totalmente separado de todos os outros seres de forma, como eu já lhes disse, intransponível. A conclusão dele então é que se Jesus se encarna ele se põe sujeito ao tempo, não pertencendo, portanto à ordem do Absoluto, mas à ordem dos seus derivados, embora, ele ressalva, somente Jesus derive do Pai e seja o autor dos outros seres.

Para o arianismo apenas o Pai é o Deus verdadeiro. O Verbo, ou seja, Jesus Cristo e mais ainda o Espírito Santo, não podem nem devem ser chamados de Deus, a não ser de maneira absolutamente relativa.

-Meu Deus! Assusta-se Francisca.

-Jesus e o Espírito Santo não são também Deus para esse Ário?

-Não, mãe. Para ele e os seus seguidores, somente Deus Pai é Deus. Deus Filho e Deus Espírito Santo, derivam de Deus, não sendo assim absolutos porque teriam tido um princípio. Filosoficamente falando, podemos dizer que Ário, de uma forma instigante interrogava a fé fazendo a seguinte pergunta: “Como imaginar Deus-Absoluto vindo ao mundo relativo? O absoluto é o Todo e não pode caber no relativo”. Era assim que funcionava a cabeça de Ário.

-Isto é muito profundo. Da minha cabeça já começa a sair fumaça, dizia Anita balançando forte a cabeça.

-Da minha também. Vocês não sentem o cheiro dos meus cabelos queimados? Confirmava Anete fazendo todos rirem.

-É profundo sim, meninas. Tão profundo e sério que por causa deste problema foi convocado pelo Imperador Constantino o Primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia.

-Mas não é o Papa quem deve convocar o Concílio? Que história é esta do imperador chamar os bispos? Anita agora perguntava.

-Rogério, explica pra mim também o que quer dizer esta palavra ‘ecumênico’? Ampliou a pergunta Anete.

-Eu não tinha dito pra vocês que naqueles tempos a função política e a religiosa eram muito misturadas? Está aí uma prova disso. Foi este imperador que no ano de 313, com o Edito de Milão pôs fim às perseguições aos cristãos. A partir daí, junto com a sua família, ele se converte à nossa fé e passa a interferir de forma bastante intensa na Igreja, a ponto de até vir a convocar o Concílio de Nicéia. Ecumênico, Anete, tem o sentido aqui de universal.

De inimiga a Igreja passar a ser uma instituição sob a influência e até o jugo algumas vezes do Estado. Há momentos na história da Igreja que se podia questionar o que seria pior: se a perseguição ou a submissão ao poder temporal.

-Eu não tenho dúvidas que a perseguição tenha sido desejada pelos santos nesses momentos... Falava agora a sábia Alice.

Atanásio participou do Concílio. Secretário que ele era à época do seu bispo, chamado Alexandre de Alexandria. Este bispo e santo da nossa Igreja foi quem primeiro questionou e condenou Ário, que era padre da sua diocese, tratando como herética a sua doutrina. Com a morte do bispo Alexandre, Atanásio assumiu a diocese de Alexandria e teve a partir daí uma vida extremamente movimentada. Uma vida que poderia se transformar num eletrizante filme de suspense e de ação.

A história do seu longo episcopado, do ano 328 até a sua morte em 373, confunde-se a todo instante com a própria história da heresia de Ário. Foram quarenta e cinco anos de peripécias incessantes, dos quais, dezoito passaram no exílio ou na clandestinidade. Num desses tempos Atanásio chegou a ficar alguns meses escondido no cemitério, dentro da sepultura onde estava seu pai. Noutro período de perseguição dos Arianos, Atanásio fugiu para o deserto, apoiador e entusiasta que era da vida eremita.

Nesse tempo houve muitas marchas e contramarchas na questão teológica relativa à Trindade. Naqueles anos, diferentemente de hoje, o povo entrava fundo nessas discussões, tomando partido ora de um, ora de outro lado.

-Devia ser mais ou menos como acontece conosco hoje em relação ao futebol, não é, meu filho? Atanásio perguntava.

-Sim, pai. O problema, além de apaixonante, era fundamental, porque dele dependia a questão básica da nossa fé: a salvação. Simplificando bastante, era assim: se Jesus Cristo não é Deus, como é que Ele ia poder me salvar? Teria sido impossível. Tem um teólogo que me ajudou a entender melhor este ponto que era muito confuso para mim. Vocês se lembram daquelas histórias do Barão de Munchausen, o grande e incorrigível aventureiro mentiroso que papai nos contava? Perguntou para as irmãs gêmeas.

-Claro, como íamos nos esquecer? O barão que já era muito mentiroso, ainda tinha as suas lorotas e bravatas aumentadas ainda bem mais por papai quando ele nos contava. Não era mesmo, papai?

Risada geral na lembrança das ampliações nas já imensas invenções do barão feitas por Atanásio para aumentar ainda mais a atenção dos filhos quando lhes contava histórias para que dormissem.

-Recordam-se da forma como o nobre mentiroso se safou quando afundava no pântano? O barão pegava com força o capote com que estava vestido pela gola e puxava para cima, conseguindo assim se livrar da lama onde estava se chafurdando. Nós, humanos, sermos salvos por outro ser humano seria tão impossível quanto o que aconteceu nesta cena do nosso querido barão. Puxando a sua própria roupa era impossível ele se livrar da areia movediça que o envolvia. Só Alguém muito maior teria condições de nos puxar e salvar. Resumindo: só Deus é quem pode salvar o homem.

-Meu Deus – se benzeu Alice – não é que eu até estava achando que este bololô de arianismo era só futrica de gente sem ter muito que fazer?

-Pois é, vovó. A coisa era muito séria. Daí também podemos depreender da importância de Atanásio para a Igreja daquele tempo e também para a de todos os tempos, inclusive a nossa. Vocês bem são capazes de imaginar o que poderia estar ocorrendo conosco hoje, se não tivesse havido Padres da Igreja como Santo Atanásio para defender a nossa fé. Por isto, ele é até hoje conhecido como o Santo Coluna da Igreja. Uma história interessante que se conta do seu xará, papai, diz respeito a um dos

seus retornos do exílio. Como eu lhes tinha dito, a vida dele foi agitada e em vários momentos ele teve que se exilar. Numa dessas voltas, vejam só o que aconteceu. Eusébio de Nicomédia, um bispo convertido ao arianismo, convocou um concílio para condenar o nosso santo. No meio duma sessão condenatória, fizeram entrar uma mulher com os cabelos desgrelhados, que, em altos brados, acusava Atanásio de ter dela abusado. Um dos padres amigos de Atanásio, percebendo o ardil, levantou-se e foi até a mulher, exclamando: “Como? Então é a mim que imputas este crime?!” Ela, que não conhecia o santo, replicou: “Sim, é a ti. Eu bem te reconheço”. Houve uma gargalhada geral, como esta aqui na mesa agora e a mulher impostora saiu de fininho e toda sem graça desmascarada que fora.

-Mas não ficou só nisto. Os inimigos de Atanásio continuaram e numa cena um tanto quanto mórbida para eu lhes contar aqui neste almoço...

-Começou, agora conta, definiu Anita.

-Então vamos. Os hereges, mostrando, depois da pobre mulher contratada por eles ter fugido, uma mão ressequida, afirmaram que ela pertencia a um tal Arsênio, que havia tempo desaparecera e que, certamente, fora esquartejado por Atanásio para efeitos de magia. O santo, que de antemão sabia da armação contra ele, fez entrar na sala o Arsênio, que vivia então como monge no deserto. Mostrando-o, disse aos acusadores: “vejam o Arsênio com as suas duas mãos. Como o Senhor Criador só nos deu duas, que meus adversários expliquem de onde tiraram esta terceira”. Termina a história com os hereges confundidos provocando muita confusão para que no tumulto a sessão malfadada fosse suspensa.

-É verdade, meu filho. A vida deste grande santo podia dar um belo dum filme.

-Eu não tinha lhes falado, mãe? Dentre os seus muitos escritos ele redigiu também uma vida de santo que fez um imenso sucesso até o final da Idade Média. Um bom enredo também para o cinema. De forma, hoje se vê, um tanto romanceada, Atanásio contou-nos a vida do primeiro grande eremita da Igreja, Santo Antão.

-Eremita é a mesma coisa que herege? Perguntou Anete, fazendo rir a todos.

-Claro que não, Anete. Eremitas eram homens que indo para o deserto para uma vida radical de isolamento e pobreza se tornaram os criadores do primeiro grande e espontâneo movimento penitencial na Igreja. Um movimento que nasceu no meio do povo e que era praticado pelos leigos. Eles foram chamados de monges porque viviam sozinhos e eremitas porque moravam no deserto. Eles, a princípio, não eram hereges e dentre eles tivemos homens de muita santidade, vários deles reconhecidos pela Igreja e elevados aos altares. Conta Atanásio que Antão, natural do Egito, morreu em 356 com a idade centenária de 105 anos.

-Rogério, agora que já sei quem foi o meu grande xará, Santo Atanásio, eu estou me sentindo na obrigação de conhecer um pouco mais da vida dele. Você me indica algum livro ou me traz algum artigo sobre a sua vida para eu ler?

-Claro papai. Eu também quero conhecê-lo mais. Eu sei que na grade curricular de Teologia eu vou ter que estudar Patrística. Agora que já conheço um pouco da matéria, fiquei com água na boca à espera do semestre em que terei a oportunidade de me aprofundar nesse estudo.

XIII

As sobremesas já haviam sido escolhidas e pedidas, mas Rogério ainda não havia terminado.

-Quero falar com vocês, antes de voltarmos para casa, mais algumas coisas.

Apesar das muitas informações já repassadas, o assunto havia como que enfeitado a todos. Ninguém apresentava mostras de cansaço ou enfado, sendo dada assim uma autorização tácita para que ele prosseguisse.

-Chamados também de símbolos, desde os tempos apostólicos, os cristãos tinham os seus credos. Neles os nossos irmãos mais velhos deixavam registrados os fundamentos resumidos da fé cristã. Os catecúmenos dos primórdios da Igreja durante a sua longa e profunda preparação para o batismo, iam decorando o Símbolo da fé que iriam assumir. No dia do batizado, tinham que declamá-lo, de cor, para o bispo geralmente em cerimônias muito bonitas. Não podemos nos esquecer que muitos períodos desse tempo foram épocas de perseguição religiosa. Nessas situações, os credos funcionavam para os cristãos como seus passaportes durante as viagens. Ao chegarem numa nova cidade eles procuravam a comunidade católica e para serem aceitos, recitavam para os irmãos daquele lugar o credo recebido no batismo, comprovando assim a sua fé e pertença ao povo de Deus.

O Primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia teve também o seu Símbolo. Através dele a Igreja fazia mostrar a todos os fiéis a verdadeira fé, livre das heresias que grassavam nessa época, das quais a mais importante era a Ariana. Trouxe aqui para vocês o Símbolo da fé que foi elaborado nesse Concílio. É conhecido como o Credo de Nicéia. Tenho certeza que vocês irão reconhecê-lo, principalmente na sua primeira parte, de imediato. Nas cópias que fiz lá no Seminário, coloquei em *itálico* as partes que nele foram introduzidas nesse Concílio Ecumênico. O Símbolo que vocês vão ter agora em mãos foi desenvolvido em Nicéia a partir de um outro mais antigo, chamado Símbolo de Cesaréia.

**“Cremos em um só Deus,
Pai todo poderoso,
Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis,
e em um só Senhor Jesus Cristo, Filho único
gerado pelo Pai, isto é, da substância do Pai,
Deus nascido de Deus, luz nascida da luz,
Deus verdadeiro nascido de Deus verdadeiro,
gerado, não criado, consubstancial ao Pai,
Por quem tudo foi feito no céu e na terra.
Por nós, homens, e por nossa salvação, ele desceu,
Ele se fez carne e se fez homem.
Sofreu a paixão,
Ressuscitou ao terceiro dia,
Subiu ao céu de onde voltará para julgar
Os vivos e os mortos.**

E no Espírito Santo.”

Depois desta última parte vem ainda a forte sentença contra os hereges:

“Quanto aos que dizem: houve um tempo em que Ele não era, ou: Ele não era antes de ser gerado, ou então: Ele saiu do nada, ou que o Filho de Deus é de uma outra substância ou essência, ou que Ele foi criado ou que não é imutável, mas sujeito à mudança, a Igreja os anatemiza.”

Persignando-se, Alice se mostra assustada com a parte final do Símbolo e principalmente com o significado da palavra final: anátema, que conforme explicado por Rogério é o mesmo que expulso, posto fora da Igreja.

-O garçom, já está de olho enviesado para nós, terminamos de almoçar faz tempo e tem fila de espera no restaurante. Hora de pagar a conta e voltar pra casa. Rogério, em casa à noite, nos contará sobre os dois outros nomes que foram oferecidos aos seus avós como opções para nomear o pai de vocês, sentenciou Francisca já fazendo uso do seu instinto de dona de casa ajuntando os pratos para facilitar a vida dos auxiliares da casa.

-É isto mesmo. Vamos continuar a conversa depois do jantar. Quero contar a vocês algumas coisas interessantes sobre Eusébio e Eustázio.

-Eusébio ainda vá lá, apesar de algumas restrições. Agora esse nome de Eustázio é o fim da picada... Cutucou Anete enquanto aguardavam o garçom trazer o troco para Atanásio.

XIV

-Também concordo com Anete, este nome Eustázio é muito feio. Começou assim a retomada do palpitante assunto dos nomes sugeridos pelo Bispo Dom Karl, na longínqua noite do batizado de Atanásio. As meninas deitadas nas almofadas do chão da sala, Atanásio e Francisca na poltrona chamada de namorar pelas gêmeas, Alice na cadeira de balanço que pertencera a Júlio e Rogério no banquinho da varanda, trazido por ele para a ocasião. Todos a postos e bem acomodados para a continuação da viagem pelos tempos em que homens de muita fibra e coragem defenderam a nossa fé das várias heresias que tentavam macular a Igreja daqueles dias.

-Apesar do nome esquisito e nome não deve mesmo ser critério para definir a estatura de um homem, Eustázio de Antioquia foi também um importante Padre da Igreja. Chamado de inimigo número um dos arianos, ele é personagem vigorosa e de primeira linha no início da crise gerada pela heresia de Ário. Desde o primeiro momento em que o padre herege deu a conhecer suas idéias, Eustázio, de forma firme, decidida e sensata, havia se oposto a elas, tendo sido o bispo de Antioquia nos quatro anos que antecederam o nosso já tão falado Concílio de Nicéia. Segundo um historiador antioqueno do Século V, Teodoreto, foi Eustázio quem abriu o Concílio, proferindo o discurso de boas vindas ao já conhecido de vocês, o Imperador Constantino, no dia 30 de maio de 325.

Em seguida ao discurso de Eustázio o imperador apresentou o seu. Nele, exprimia o desejo de que a paz da Igreja fosse restabelecida. Dou para vocês mais um exemplo de como a política estava imiscuída nas coisas da Igreja. Sabem que para poderem ir às sessões do Concílio os bispos tiveram postos à disposição pelo Imperador os meios de transporte do Império?

Eustázio foi um dos grandes líderes de Nicéia. Segundo ainda o tal historiador da sua terra, o Teodoreto, ele foi um “Campeão da Verdade”. Tratava severamente os bispos simpatizantes de Ário presentes no Concílio. Um desses bispos recriminados por Eustázio foi o Eusébio de Cesaréia, aquele que foi a terceira opção de nome para papai e que vou lhes contar daqui a pouco, tinha uma posição um tanto quanto flexível em relação a Ário e a suas idéias.

Em razão dos seus textos duros e determinados contra o arianismo, Eustázio foi julgado pelos hereges quando depois de terminado o Concílio de Nicéia, estes reapareceram graças às flutuações políticas da família imperial, como o adversário que devia ser derrubado. Olha gente, que aqui está mais uma prova da ingerência do estado na vida eclesial. Eis que um sínodo de bispos arianos destituiu-o da Sé Apostólica e o imperador o exilou na Trácia, onde faleceu antes da morte de Constantino, ocorrida em 337.

Como tem acontecido com os outros Padres da Igreja, a obra pequena, mas muito densa e importante, de Eustázio tem sido revisitada e valorizada. Ele foi o primeiro a sacar e denunciar uma das maiores falhas da Cristologia ariana: a redução do próprio Verbo, mutável e passível à condição de alma na Encarnação e, portanto, a substituição do Verbo pela alma humana de Cristo, limitando desta forma a Sua humanidade.

Chegou a hora de falar um pouco também do terceiro e mais controverso bispo dentre os três oferecidos como nomes para o papai: Eusébio de Cesaréia. Este homem foi o primeiro grande historiador da Igreja, contando-nos em sua “História Eclesiástica” a vida da Igreja desde o final dos tempos dos apóstolos até as vésperas do Primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia.

Homem muito culto, amante dos livros e da boa linguagem, foi discípulo de Pânfilo na Escola Teológica dirigida por este em Cesaréia. De seu mestre, que morreu martirizado, Eusébio herdou o amor pelos manuscritos, o cuidado na transmissão crítica dos textos e o fervor pela Sagrada Escritura. Deixou muitas e muitas obras. Várias delas hoje sabemos, não são da sua lavra. Sendo consideradas como tendo outros autores, talvez discípulos seus as tenham produzido.

Foi um Padre da Igreja controvertido porque era simpático às idéias arianas, tendo chegado a proteger Ário na sua Diocese. No Concílio de Nicéia fez a proposição da fórmula de fé, o Símbolo da sua Igreja, como solução do impasse. Segundo esse Credo o Verbo vem de Deus. Foi considerado como muito genérico pelos bispos conciliares podendo prestar-se a equívocos por não deixar especificado o modo dessa procedência.

Repararam uma coisa interessante e muito intrigante? Dom Karl propôs três nomes de Padres da Igreja como possibilidades para nomear papai. Dois deles, agora que vocês já conhecem um pouco das suas histórias, são totalmente justificados levando em consideração que se opuseram totalmente ao herege Ário, que era o nome que havia sido definido anteriormente por vovô para o papai. Tanto Atanásio quanto Eustázio foram verdadeiros baluartes na defesa da fé cristã contra Ário. Tanto que um foi chamado de “Coluna da Igreja” e o outro de “Campeão da Verdade”. Difícil de entender e explicar é a inserção por Dom Karl de Eusébio de Cesaréia com os dois.

Balançando negativamente a cabeça, Alice demonstrava inquietação. Queria falar.

-Está claríssimo. Dom Karl, colocando também o Dom Eusébio como uma das três opções, quis homenagear um homem de coração bom. Um homem que podia até se enganar, como nós todos muitas vezes nos enganamos, mas que agia sempre de boa fé. O fato de ele ter protegido Ário não pode servir como prova concreta de que Eusébio estava totalmente concordante com a heresia ariana. Para mim, este Eusébio está nos dando uma lição. Dando guarida ao Ário ele estava querendo nos mostrar que devemos sempre combater o pecado, mas amar e perdoar o pecador. E tem mais, para mim o Eusébio, aliás, Dom Eusébio, queria mesmo era trazer para o rebanho de Deus uma ovelha desgarrada. Uma não, elas eram muitas porque se ele tivesse trazido o Ário, quantos outros não teriam vindo com ele para o nosso redil? Eusébio foi um cristão muito dos bonitos que como qualquer um de nós, teve seus erros e acertos na vida. Esta é a minha modesta opinião.

Finalizada a intervenção de Alice, Rogério sentiu não ter subsídios para reforçar tal idéia da sua avó, nem argumentos que pudessem contradizê-la. Optou por ficar calado e sorrir admirando e bendizendo a Deus pelo coração bondoso e sempre aberto para entender o outro da sua velha Alice.

XV

Desta vez Sórora Maria não estava com a mão na maçaneta. Rogério ia tocar novamente a campainha, quando ouviu os passos fortes de alguém se aproximando. Ela nem estava na casa, foi Monsenhor João quem a abriu, usando muito mais força do que aquela que seria necessária, a porta. Reconheceu-o de imediato como um dos seminaristas da Arquidiocese que neste ano haviam iniciado a Teologia.

-É o senhor que irá ficar com Dom Cristiano nesta tarde? Mas o senhor não está chegando muito cedo?

As duas perguntas pegaram-no de surpresa. Respirou antes de responder. Disse então que havia vindo meia hora antes porque pretendia continuar folheando uns livros naquelas duas estantes grandes perto da outra porta.

-Mas você não chegou somente 30 minutos adiantado. Vejo que não usa relógio porque para a hora marcada faltam ainda 45 minutos. Mas não tem problema nenhum. A causa, o saber, é mais do que nobre. Bem vindo mas os livros, lamento informá-lo, terão que ficar para uma outra visita. Estava com o bispo quando a campainha tocou. Ele me contou então que o aguardava me ordenando para que se fosse você que estivesse chegando, era para eu levá-lo de imediato até ele. Você, rapaz, deixou Dom Cristiano curioso por saber o final de uma tal história de batizado feito na sua família pelo saudoso Dom Karl. E vamos logo porque esta sua visita já me deu um trabalho medonho. Completou sorrindo enquanto puxava Rogério pelo braço.

Não tendo entendido nada do final da frase do Monsenhor e matutando sobre que raios de trabalho medonho a sua presença ali tinha gerado para ele, Rogério cruzou o imenso corredor até chegar aos aposentos do Arcebispo. À porta, com um aceno de mão, Monsenhor João despediu-se dando a entender que não entraria com ele no quarto.

-Sua benção, Dom Cristiano.

-Deus te abençoe, meu filho. Mas afinal, me diga logo. Como foi mesmo que acabou a história do batizado do seu pai? Você me deixou curioso.

Nem bem se sentara, Rogério já era incentivado a retomar o relato deixado em suspenso ao final da visita da semana passada. Cristiano a tudo ouvia com o maior interesse. Perguntava quando não entendia um determinado ponto e algumas vezes deixou o nosso relator em dificuldades não sabendo como responder aos questionamentos sobre pontos que não haviam sido tratados por Alice. Assumiu o compromisso de buscar os novos dados para repassá-los ao atento ouvinte numa outra oportunidade.

-Semana que vem então você já terá as minhas respostas?

-Não, Dom Cristiano, infelizmente não poderei estar com a minha avó neste final de semana. Temo que o senhor vai ter que esperar um pouco mais.

-Eu sei, meu filho. Tenho que ter mais paciência. Nesta altura da vida e mesmo sabendo que estou queimando o meu último toco de vela, tenho me tornado mais impaciente ainda do que sempre fui. Imagine só, passei a vida toda lutando contra este meu modo de ser ansioso, querendo ter tudo à hora do meu desejo e quando penso que já tenho dominado esta minha inclinação, me pego caindo no mesmo defeito. E você veja que é defeito pra lá de antigo. Eis que o carregue desde a mais tenra juventude. O consolo que tenho é que Deus é totalmente misericórdia e terá compaixão comigo, este velho e doente pecador. Eu espero, meu filho. E continuo rezando ao Senhor para que me dê paciência. Reze por mim também para que eu vá me convertendo.

Com uma expressão de muita paz em seu semblante, Cristiano havia terminado de falar. Rogério, admirado da humildade do seu Arcebispo ao confessar o seu defeito, mais ainda o respeitava. Lembrou-se de Vitor, assustado perguntando-lhe se havia se confessado com Dom Cristiano.

-Desde aquele instante em que você iniciou para mim o relato do batizado de Atanásio, queria lhe confessar uma coisa. Só não o fiz antes porque fiquei receoso de que você se inibisse e não me contasse todo o acontecido.

A curiosidade mudara radicalmente de lado. Neste momento ela estava totalmente com Rogério. O que poderia ser este fato que Cristiano lhe omitira e que queria lhe confessar? Vitor retorna inteiro em sua memória no instante em que mentalmente repete a palavra confessar. O bispo parecia se divertir com a expressão de menino curioso de Rogério olhando para ele. Dá a impressão de estar retardando por alguns momentos a tal confissão.

-Sabe, Rogério, quando um padre é escolhido bispo pelo Papa ele deve ser sagrado por um outro bispo. No meu caso, o bispo que me sagrou foi o mesmo que batizou Atanásio. Ele mesmo. Dom Karl von Mahler. Veja que mundo pequeno nós temos. O bispo que batizou o seu pai foi o mesmo que me sagrou bispo.

A cabeça de Rogério rodava forte como se alguma criança a tivesse feito de piorra. Quando ela foi parando e no que foi apenas o zum de um momento, mas que lhe pareceu ter sido uma eternidade, foi se dando conta de quão belo era isto tudo que ele tinha ficado sabendo. O mesmo homem de Deus batizara o seu pai feito da carne e também o seu pai espiritual. Uma lágrima teimava em não cair no seu rosto e ele rezou como o salmista: Senhor, como são insondáveis e misteriosos os seus caminhos. E tão bonitos também, continuou, apropriando-se do Salmo.

-Pedi ao Monsenhor João que buscasse na biblioteca em minha casa a biografia de Dom Karl. Ele procurou pela casa toda, revirou tudo e não encontrou o livro. Algum amigo deve tê-lo apanhado para ler e talvez tenha se esquecido de devolvê-lo.

-Ou quem sabe, ainda o está lendo, completou Rogério rindo um pouco decepcionado. Que bom teria sido se Monsenhor tivesse encontrado e trazido a biografia de Dom Karl aqui no Palácio. Ela estaria nas minhas mãos e hoje mesmo à noite já estaria iniciando a leitura. Recordou-se da confissão de impaciência de Cristiano feita há pouco. Sentiu-se na mesma situação dele. Riu sem graça.

-Pode ficar sossegado. Apesar de esgotado nas livrarias, não é possível que não encontremos, em toda a Arquidiocese, pelo menos um exemplar do nosso livro. Você precisa, como eu, também cultivar a paciência.

-Sim, Dom Cristiano, também preciso ter mais paciência. Respondeu, também sorrindo.

Sóror Maria já aparecera para lembrar-lhe da hora de ir embora e da necessidade – que ele continuaria não atendendo – de não cansar o Senhor Arcebispo com muita conversa. Monsenhor João já tinha ido embora, ela lhe disse. Rogério queria, agora que já sabia o que tinha causado tanto trabalho a ele, reforçar-lhe o empenho em conseguir logo o livro que contava a vida de Dom Karl. Agradeceu a Deus por ele ter ido já embora. Era uma ajuda no seu exercício de paciência.

XVI

-Tenho um respeito muito grande por ele. Um homem que foi muito correto e firme nas suas convicções. O Concílio fez com que ele sofresse muito, meu filho.

-Como o Vaticano II pode ter feito um bispo sofrer, Dom Cristiano? O que eu sei dele é que foi feito para dinamizar a Igreja, fazê-la mais integrada e participante da modernidade. Ter as janelas abertas para que entrasse ar renovado, deixando tudo mais arejado, na bela imagem criada por João XXIII ao convocar o conclave. Em vista disso tudo, como ele pôde ter sofrido?

-Exatamente por causa disto, Rogério. Dom Karl conheceu e viveu até então dentro dum modelo de Igreja fechado e muito autoritário. Uma Igreja, já que você falou de imagem, bem parecida com um castelo, com os seus fossos, muralhas, armamentos e soldados preparados para a defesa. Os ventos arejantes trazidos pelo Concílio, como que baixaram toda essa guarda do castelo. Aterraram seus fossos, deixaram abertas as suas poderosas portas gradeadas. O problema é que Dom Mahler não estava preparado para tantas mudanças e muito menos ainda tinha sido capaz de, sequer em sonho, imaginar que um dia elas pudessem vir a ocorrer. Daí vem a sua dor.

-Mas ele como bispo não participou do Vaticano II?

-Sim, ele esteve lá, mas seu grupo, pequeno, não conseguiu – Graças a Deus – se impor. A onda de abertura e de rejuvenescimento da Igreja naquele momento havia se transformado numa vaga avassaladora. Eles eram minoria em meio à multidão dos irmãos bispos que andavam rápido na busca da Igreja de comunhão e participação que ali estava sendo gerada.

-Quer dizer que havia um grupo que tentou resistir às mudanças conciliares propostas?

-É verdade, meu filho, existia uma pequena parcela de bispos que votava sempre no continuísmo, na manutenção do modelo de igreja vigente no último milênio. Modelo que podemos chamar de Tempo da Cristandade. Era o modelo do castelo que lhe falei faz pouco. Desse time, você já sabe, participava o nosso bispo, Dom Karl. É interessante observarmos que há um movimento neste jogo. Este pessoal mais conservador que no Vaticano Segundo foi minoria e votava sempre pela continuidade, havia sido a maioria que no Século XIX promulgara os documentos da Igreja nos moldes do modelo da Cristandade no Concílio Vaticano I. Nesse Concílio foi feita como que uma revalidação, uma reafirmação do Concílio de Trento, acontecido no Século XVI para montar as estratégias de defesa da Igreja frente ao ataque dos protestantes ao rebanho de Roma.

Não fosse eu um homem de fé, poderia até falar em ironia do destino, mas como creio no Deus Amor, Uno e Trino, prefiro dizer da abundância proporcionada pelo Espírito no novo Pentecostes gerado pelo Concílio Vaticano Segundo, fazendo com que pudesse haver a volta às origens, à Igreja Mistério com o retorno às Escrituras e aos Padres da Igreja, como Atanásio, por exemplo que deu nome ao seu pai.

-Dom Cristiano, mas se a Igreja do Concílio no seu processo de modernidade retornou aos Padres da Igreja, como o senhor me explica o fato de Dom Karl, um bispo tão conservador, ter oferecido três nomes de Padres da Igreja para o batismo do papai?

-Boa pergunta, Rogério. Não quero passar a impressão que o grupo de Dom Karl era contrário aos Padres. Não era isto. Eles, muito pelo contrário, os admiravam e respeitavam profundamente. Eles, os Padres da Igreja, foram dos primeiros a erigir os alicerces da grande tradição da nossa Igreja e, como você bem sabe, um dos pontos nos quais o conservadorismo mais se apegava é à tradição. A que temos que estar muito atentos é na leitura que eles fazem dessa tradição. Eles vão até ela e de lá trazem apenas aqueles aspectos que vão reforçar ou referendar os seus pontos de vista passadistas. O resgate que acontece dos Padres da Igreja no Concílio Vaticano Segundo é bem diferente. Ele visa provocar-nos para uma leitura mais profunda e carismática retratada e preservada por eles da Igreja pós-apostólica e dos primeiros séculos. Uma Igreja bem mais leve, mais participativa e comunitária, uma Igreja tenda, ao contrário de castelo, uma Igreja onde os pobres e pequeninos possuíam vez e voz. Longe de mim pensar que a Igreja dos Padres não possuía problemas. Tinha. E eles eram muitos. O que era diferente, o que era muito mais bonito era a forma como eram tratados e resolvidos. Com o envolvimento de todos, com a oração e o discernimento da comunidade inteira!

Cristiano se inflamara, falava alto e sua voz, ressoando pelos corredores havia funcionado como alarme aos ouvidos de Sórora Maria que chega à porta e, sem que o bispo a veja, faz para ele um sinal de até logo, desaparecendo imediatamente da mesma maneira que havia chegado. Não era ainda chegada a hora de enfrentar a freira. Melhor submeter-se para não correr riscos de ver dificultada a sua visita semanal ao seu pastor e, mais que pastor, amigo, e mais que amigo, pai espiritual. Era assim que Rogério já o considerava.

-Dom Cristiano, é uma pena, mas o meu tempo já se encerrou. Quero pensar e refletir sobre Dom Karl e as tantas coisas que o senhor me ensinou hoje. Quarta-feira que vem eu volto. Sua bênção e fique com Deus.

-Vá com Deus também, Rogério. Que o Senhor te abençoe e te guarde. Não deixe de vir na próxima semana.

Cara fechada, de poucos amigos, Sórora Maria da Igreja Triunfante levou-o até a porta do Palácio. Definitivamente a freira não gostava das visitas do seminarista.

XVII

-Isto é o que podemos denominar como uma epidemia de equívocos. O padre compreendeu tudo errado. Ele traduziu temor de Deus como terror de Deus. Repararam como o Deus dele parece querer briga e vingança o tempo todo não refletindo o que é realmente atributo do Deus de Jesus Cristo, ou seja, o Amor e a Misericórdia? Quando o vejo fazendo estas coisas que vocês me estão mostrando o que posso sentir é dó dele. Muita pena. Lembro-me do que mamãe me contava um dia sobre a religião pregada no colégio onde ela estudou interna. Era um Deus frio, calculista e distante. Com seus mil olhos vigiava a humanidade procurando pecadores para serem punidos com o fogo eterno do inferno. Tão diferente, meus filhos, do Deus todo amor que me foi ensinado pelas irmãs do meu Colégio Bom Pastor.

Mesmo com todo o seu jeito sempre delicado de ir ponderando as palavras, Francisca não conseguia esconder dos três filhos a tristeza que estava sentindo com as posturas impróprias, atabalhoadas do Padre Elesbão, novo pároco da Comunidade, com os jovens e os catequistas.

-Pena do Padre? A senhora deve ter dó é de nós, os leigos.

-Verdade, minha filha. Devemos ter pena dos leigos comprometidos, mas também do padre equivocados. É muito doloroso e triste tudo isto. Mamãe, a outra avó de vocês, ficou tão marcada pela imagem deturpada de Deus e da Igreja que ela teve na infância e juventude, que até o final da vida, sentiu muito medo dele, carregando também uma grande mágoa da Igreja. Crianças – e Francisca agora sorria – temos que arranjar um jeito de mostrar a este padre que as coisas não podem nem devem funcionar assim. Com firmeza e muita caridade, encontraremos esta forma.

-Não precisam contar comigo. Eu é que não volto lá na catequese e no grupo de jovens nem que Dom Cristiano venha aqui de joelhos, implorar-me. Para mim foi fim. Ponto Final. The End. Aquela primeira vez que ele me humilhou e me diminuiu na frente dos alunos, ainda perdoei, mas agora foi demais. Aos prantos, Anete demonstrava toda a sua indignação.

-É por isto que eu, desde que passei a me entender por gente, não me envolvo nessas coisas de Igreja. Não vale a pena. Vou à missa aos domingos e chega. Até porque vocês já imaginaram que escândalo não seria nesta casa se eu resolvesse radicalizar e não ir mais à missa? Ainda mais com um irmão seminarista. Seria um absurdo de proporções atômicas. Era Anita que agora falava.

Rogério a tudo ouvia. Por duas ou três vezes teve que se esforçar para conter a boca e não intervir na fala das irmãs. Melhor deixá-las desabafar. Chegara triste em casa e aquela conversa, que não era nenhuma novidade para ele, o estava deixando ainda mais pra baixo. Viera rezando na viagem por Dom Cristiano. Era visível a deterioração semanal da sua saúde. Recordava o quanto tinha aprendido com ele nesses três meses em que nas quartas-feiras comparecia ao compromisso de ser companhia para o doente no Palácio. Da última vez ele conseguiu dizer tão pouco. Além do cansaço provocado pela dificuldade respiratória ao falar, e agora Rogério entendia melhor a postura de Sórora Maria da Igreja Triunfante tentando podar-lhe as conversas. Entendia a postura dela, mas não conseguia de maneira nenhuma justificá-la.

Optara por deixar que Anita expusesse primeiro toda a sua decepção. Depois, quando estivesse mais calma, iria conversar com ela. Falar-lhe de tantas coisas que vinha aprendendo no Seminário e desses ensinamentos do Palácio Episcopal, que não deixavam também de serem proporcionados pelo Seminário. As aulas de vida e de amor a Cristo e à sua Igreja do bom e velho bispo doente, Dom Cristiano.

As palavras ponderadas de Francisca muito o ajudariam na condução desse difícil diálogo que iria ter daí a algum tempo com Anete. Lamentou a ausência de Alice. Como a sua sabedoria lhe teria seria útil agora. A sua velha tinha viajado para passar uns dias com o filho Marcelo em cidade praiana do Sul do País. Chegavam a ser hilárias as dificuldades vividas pela família nas tentativas em convencê-la a fazer a viagem de avião. Havia sido o seu telefonema o argumento final a convencê-la. E nem tinha sido um argumento. Não sabendo mais o que lhe dizer. Tudo já tinha sido tentado e dito, Rogério lhe falou apenas que estaria rezando para que tudo corresse bem e que colocaria a viagem aérea nas intenções da missa que iria haver naquela noite lá no Rato Molhado.

Lembrado que estava da promessa feita à avó, Rogério via-se incomodado. A constatação de que ficaria constrangido ao colocar junto às intenções da comunidade miserável da favela, a cara viagem da avó que estava sendo custeada pela vaquinha feita na família, o deixava em grande incômodo. Imaginava alternativas para atender à promessa feita para Alice, sem que fosse ofendida a pobreza imensa da Igreja no Rato Molhado.

XVIII

Depois de uma hora de muito papo, não havia nenhum sucesso na conversa com Anete. Tentava se posicionar do lado de fora do problema para poder enxergá-lo de forma mais completa e chegou à conclusão de que na realidade, não havia conseguido dizer-lhe nada. Até aquele momento o que tinha acontecido era um monólogo. Tivera que ouvir de novo, entremeadado por muito pranto, todo o relato do que vinha ocorrendo na Pastoral Catequética desde a chegada do Padre Elesbão. Tudo já muito sabido por ele através dos vários pedidos de ajuda e apoio recebidos ao final dos desabafos dos muitos amigos e amigas participantes de pastorais na Paróquia a respeito das atitudes do Padre novo. Eles achavam que, por ser seminarista, Rogério estava em condições de interceder em alguma esfera mais alta e resolver os problemas da comunidade.

Olhava o rosto molhado e soluçante de Anete enquanto dava um tempo para que ficasse mais serena e ele pudesse, agora sim, dar início às suas ponderações. Como era complexo ser Igreja, ele ia refletindo nesse ínterim. Rezava, lembrando-se das tensões existentes no início da Igreja que estão relatadas em textos do Novo Testamento. Se já era difícil naqueles primórdios, imagina agora, num mundo muito mais pluralista e complexo do que aquele em que os nossos irmãos muito mais velhos, orientados pelos seus Padres da Igreja, viveram.

Entre um suspiro e um soluço da irmã, Rogério falou-lhe da experiência de vida e de Igreja que estava vivendo nos contatos com o bispo doente. Anete olhou-o com força, levantando a cabeça. A mudança da estratégia na abordagem com a irmã, não começando por discutirem sobre o problema gerador daquela conversa, parecia surtir efeitos. Ela se interessara. Numa dessas últimas semanas Dom Cristiano lhe falava sobre o papel do sacerdote nas comunidades. Ensinava que havia uma grande necessidade e isto ele enxergava cada dia mais, dos presbíteros irem formando as lideranças leigas das suas comunidades para que, aos poucos, eles, os leigos, fossem assumindo mais os seus carismas e tomando conta de muitos serviços que são hoje ainda executados pelos padres. Além de estar liberando o sacerdote para dar atendimento a mais gente, os bispos que fizerem isto nas suas Igrejas, estarão cumprindo as determinações do Vaticano Segundo e gerando um resgate da tradição primeira eclesial. A volta àquele tempo da Igreja Mistério, comunidade de participação e envolvimento de todos. Mistério não no sentido de coisa mágica ou de algo que está oculto ou seja apenas disponível a um grupo de iniciados. Mistério aqui no sentido do grande, do imenso, do todo, do infinito. Mistério nos simbolizando Deus que de tanto amor que é, nós nunca conseguiremos abarcá-lo nas mãos ou muito menos em nossas inteligências. Esta atitude de abertura vai provocando uma maior agilidade e prontidão do laicato que não mais, como hoje acontece, se põe numa postura reativa, esperando primeiro a ordem da hierarquia para dar início à ação. E em muitas comunidades, ele pensava agora no problema local trazido pela irmã e pelos amigos, ai daqueles leigos que ousassem assumir um papel mais ativo.

Para sentir com a Igreja há que se ter caridade com os seus problemas e, principalmente, tem-se que estar vivendo dentro dela. Rogério estava muito à vontade ao refletir com a irmã sobre as dificuldades que aquela Igreja local estava enfrentando. É como assunto de família. Acolhemos quando os de casa falam das nossas dificuldades e defeitos, mas se vem alguém de fora e aponta o dedo nas nossas feridas, não aceitamos. Fez-lhe bem constatar isto.

Pensava nos porquês do clero de muitos lugares podarem sempre as ações dos leigos. Lembrava-se dos aspectos psicológicos que carregamos nas nossas mochilas da vida. Nas diferenças entre as pessoas, suas inseguranças e medos.

Escolhendo sempre a forma mais caridosa, para que Anete não se chocasse, nem tivesse ainda mais aumentada a raiva e decepção que tinha do padre, Rogério foi passando à irmã os ensinamentos do bispo e as conseqüentes reflexões geradas por eles em sua consciência.

-Rogério, eu nunca havia me tocado que Jesus não foi nem padre, nem bispo e nem papa.

-Nem foi um rabino, Anete. Veja que Jesus não foi um presbítero. Ele foi simplesmente um leigo integralmente comprometido com o Reino do Pai.

-Como nós, os cristãos de hoje, que tentamos segui-lo deveríamos ser, não é, Rogério?

-Isto mesmo, minha irmã, se todos fôssemos mais comprometidos com o Reino de Deus, hierarquia e laicato, além do fato de que Ele, com o seu Reino, voltaria mais rápido, nós teríamos uma maior integração dos carismas e dos serviços, não fazendo mais nenhum sentido problemas como este que estamos vivenciando aqui hoje. No Novo Testamento não há nenhuma indicação de favorecimento do clericalismo. Somos todos iguais e perante Deus temos a mesma importância. Os serviços é que são diferentes. A teologia do corpo de São Paulo nos ensina isto com uma clareza que chega a machucar os sentidos. Devemos entender que o clericalismo deve ser visto como um defeito. E note que este defeito não tem fundamento no início da Igreja e nem no Novo Testamento. É posterior.

-É isto mesmo, meu irmão. Agora, te ouvindo, começo a entender melhor as razões do padre Elesbão. Ele é fruto de toda uma história, de toda uma estrutura. E não podemos nos esquecer jamais que Deus o ama muito, não é?

-É claro, Anete. Deus não nos ama pelas coisas boas ou ruins, qualidades e quantidades, que nós fazemos ou deixamos de fazer na comunidade ou mesmo na vida. Ele nos ama pelo que nós somos. Simplesmente porque somos suas criaturas, seus filhos. Aprendi com Dom Cristiano também que, além disso tudo, temos que ter em conta também que Deus nos ama porque Ele só sabe fazer isto: amar. Lembra que João nos ensina que Deus é amor? Como pode o amor deixar de amar? Ser cristão é tentar estar vivendo este amor e o amor se vive em comunidade. Não pode existir cristão solitário, desgarrado dos demais, nem é admissível que aconteçam nas comunidades que algumas pastorais funcionem desgarradas do conjunto. Observe que quando as pastorais começam a atuar de forma separada elas têm uma tendência muito forte em se conduzir para o conservadorismo e o fechamento.

-Vai ficando cada vez mais transparente o meu entendimento do porquê da ação desta maneira do danado do Padre Elesbão. Ele considera a Igreja dentro duma dimensão muito hierárquica, clerical, como você diz.

-Sim, Anete, mamãe tem razão quando nos diz que tem dó do pobre padre Elesbão. Ele é vítima tanto quanto você e os demais catequistas também o são. Mas veja bem, não quero dizer com isto que não precisamos ter padres. Afinal, você sabe o quanto eu sonho com o dia da minha ordenação.

-Uau! Tive uma idéia. Vou chamar aqui a Gilmara, as duas Andréias e a Sandra, que são as nossas líderes da Pastoral, para que você converse com elas, falando esse tanto de coisas que você aprendeu no Seminário e com Dom Cristiano. Conhecendo isto tudo elas terão condições de, como você me ensinou, estarem sentindo com a Igreja, entendendo a posição do padre e a partir daí, podendo montar um esquema de trabalho para fazê-lo mudar o comportamento perante a comunidade. E, seu bobo, é óbvio que eu sei que os padres e a hierarquia são mais do que necessárias. Elas são fundamentais para a vida da Igreja. Já imaginou a loucura e a confusão que seria se não as tivéssemos?

-Excelente idéia, Anete. Só não concordo com um ponto. Não serei eu a falar com as suas amigas líderes. Não sou a pessoa mais apropriada para isto. Você é a mais indicada. Será você quem repassará para elas tudo o que conversamos e refletimos juntos. Eu terei nesta reunião um papel muito importante, mas será você a executora da ação.

-Está bem, meu irmão. Já que você estará comigo cumprindo esta incumbência tão importante, eu topo.

-Não é bem assim. O que farei é importantíssimo, mas... fisicamente, eu não estarei com você e as suas amigas.

-Deixa de mistério, Rogério. Se não estará presente, como você poderá estar fazendo algo tão importante comigo? Estará falando com o seu amigo o bispo?

-Não, eu estarei rezando por você, pelas líderes catequistas e pelo padre Elesbão. Orando para que você, minha irmã, que também como suas amigas catequistas e todos os cristãos são, pelo batismo, sagrados como sacerdotes régios, seja iluminada pelo Espírito Santo e possa tocar o coração delas, as suas amigas, para que se convençam da necessidade urgente de vocês agirem para auxiliar o padre, que além de ter sido sagrado no seu batismo como sacerdote régio, o foi também pela ordenação, como sacerdote ministerial, a mudar o seu perfil de atuação. Rezarei também para que o coração do Padre seja também amaciado e ele comece a agir como um líder dentro duma comunidade de líderes. Sacerdote ministerial dos sacerdotes régios.

XIX

Rogério não se perdoava pelo ato falho cometido. Em frente a Dom Cristiano, rosto muito corado, parecendo queimar, buscava uma forma de diminuir o tamanho do que considerava como a sua grande burrada, um baita dum gol contra. Começaram por conversar sobre o novo documento de Roma. A pergunta feita ao bispo sobre que conseqüências tal documento teria a longo prazo, havia encaminhado o assunto para as posturas dos sacerdotes frente aos leigos. O seminarista esforçava-se para não demonstrar que estava tratando de uma situação concreta, porque o interlocutor sabia que ele havia estado em casa no final de semana e lá só havia uma paróquia. Pinçando com todo cuidado palavra por palavra, lá ia Rogério procurando dar a entender a Cristiano ser aquilo tudo que ele relatava apenas uma hipótese. Factível de acontecer algum dia nalguma comunidade de uma diocese qualquer, mas por enquanto, que ficasse claro que era apenas uma hipótese. O seminarista só não estava contando com a perspicácia e sensibilidade do seu Arcebispo. Alguma palavra mal pinçada que havia sido por ele utilizada, fizera ruir, como se castelo de cartas fosse, a construção pseudo-hipotética engendrada por ele para contar o milagre sem falar do santo, como costumava filosofar a velha Alice.

-Que pena estar acontecendo isto tudo por lá...

Cristiano havia dito de chofre, deixando que primeiro o embaraço do amigo crescesse nas infrutíferas tentativas de reconstruir o castelo, ele prosseguiu.

-Preocupa não, meu filho. Não tem que ficar chateado nem incomodado. Tudo que você me falou como se fosse uma hipótese eu já conhecia como fato real. O que você me trouxe não tem nenhuma novidade. Parabéns pela forma como conduziu o problema com a sua irmã catequista. Você também foi um sábio, como diz ser a sua avó.

Com uma expressão bem enigmática que Rogério não soube definir se seria algum ricto causado pela moléstia, ou porque Cristiano estava a lhe sugerir que as catequistas de lá da comunidade tinham grande chance de sucesso, ele dera fim à conversa.

O cansaço veio forte. Gostava demais das visitas dos jovens do Seminário, principalmente daquela visita das quartas-feiras. Este menino tem uma bela vocação. Que Jesus Cristo o ajude para que se torne um bom padre para a sua futura comunidade e para a Igreja. Apesar da prostração o bispo nunca reclamava e esforçava-se ao máximo, o que acabava por aumentar ainda mais a fadiga, para não demonstrar para Monsenhor João, para os médicos e principalmente para Sórora Maria, o quanto debilitado ele se encontrava. Cristiano, apesar de tudo, muito sereno, fazia empenho para adormecer. Tinha a expectativa de que o sonho voltasse.

Acordara tão feliz. Sentia-se tão consolado. Como rira da expressão de espanto de Sórora Maria.

-Nunca tinha ouvido o senhor gritar. O senhor estava tendo uma alucinação? Esses tantos remédios... Parece que o senhor chamava pelo seu pai...

-Minha filha, Nosso Senhor deu ao seu velho bispo um sonho maravilhoso de presente.

As lágrimas escorrendo livres pelo rosto sulcado e muito magro de Dom Cristiano lhe sorrindo, assustavam ainda mais a freira do que as palavras que ele proferira, depois de tantos dias mudo e em contradição com o que dizia a ciência. E queria só ficar lembrando...

Vinha andando rápido, quase correndo, a maleta na mão, talvez chegando de alguma visita pastoral a uma paróquia do interior, ou quem sabe de uma reunião da Conferência Episcopal na capital do país. Sentia uma sede imensa. Deixa a valise no chão da sala e vai direto à copa. Abre a geladeira e neste momento geladeira já não existe mais. O que há é a porta escancarada dando para comprido corredor como o daí de fora. Lá no final dele está a jarra, vidro neblinando da água bem fria. Ao lado dela o copo quase transbordante. A sede é muita e a jarra convite irrecusável. Entra porta adentro e nos primeiros passos só tem olhos para aquela jarra. Pouco a pouco começa a reparar que nas laterais do corredor há duas fileiras de grandes cadeiras. Uma fila de cada lado. Espaldares altos, imponentes. Surpresa. Em cada uma delas há alguém sentado. Sorriem para ele, mas aqueles rostos não têm olhos. Esburacados são os globos oculares daquelas pessoas. Tem medo, mas nem pensa em voltar. Morreria de sede se retornasse. Anda mais rápido. Esforça-se para mirar em frente, mas não consegue desviar os olhos dos homens que estão sentados nas cadeiras do corredor. Não são só homens. Há mulheres também, várias. Gente de todas as idades são crianças, velhos, recém nascidos, adultos, fetos, adolescentes. Carrossel de cores, do preto mais retinto ao branco mais leitoso, passando por todas as tonalidades de gente que possa existir na terra. Há roupas luxuosas, há ternos, vestidos de bailes, batinas, hábitos de todas as épocas, roupas velhas, roupas sujas, roupas remendadas e também corpos nus. Sorriem e agora já percebe o gesto. Eles estendem a mão como se pedissem. Aperta mais ainda o passo. Quase trota e consegue enfim olhar adiante. O cansaço já quase no fatal do corpo é a prova de que já caminhará muito, mas o corredor parece crescer na mesma velocidade em que anda e o jarro neblinando da água muito gelada continua longe. Na exata mesma distância de quando abriu a porta da geladeira. Geladeira? Estava tão no lá

longe aquele ato. Presta mais atenção aos rostos sem olhos. Repugnância não sente mais. Se a garganta não queimasse tanto da tanta sede e o cansaço fosse menor, poderia até estar sorrindo para eles, mas permanecia sério, vai morrer de sede. Meu Deus, eles mudaram. Foi olhar um instante para a jarra que fugia e eles agora têm olhos. Amplos olhares de olhos muito grandes. As mãos pedintes persistem, porém já não possuem bocas alguns, nem ouvidos outros. Nos lugares onde eles deviam estar só se vêem buracos escuros, profundos, disformes, emoldurando aqueles rasos olhos brilhantes e tão escancarados. Olhos molhados de muita tristeza. Precisa correr, pensar nenhum já não há. A solução é só esta. Andar, andar e mais andar. Rápido, rápido e mais rápido. Parar é ser condenado a morrer de sede. O jarro continua a fugir. Impossível ir mais rápido. Trôpego, trombam joelhos, chuta os pés. Cairá em minutos em sua plenitude da maior exaustão. Derrama-se de suor e ofega. Resfolega como caminhão que sofre ladeira acima. Sente a morte tocando-o carinhosamente na sede e cansaço de tamanho do quase infinito. Em meio à multidude das cadeiras ocupadas vislumbra. Há uma que está vaga. Desaba nela. Olhos cerrados sente a respiração cedendo pouco a pouco às exigências do coração. Cansaço e sede seguiram em frente porque a sensação de muita paz e conforto lhe invade cada célula do corpo. A morte? Ela chegou, especula. O conforto é a prova de que a cadeira que vi vazia e na qual sentei é o colo do Senhor. Alegrias todas. Quer dançar, cantar, esfuzia. Há música no ar. Tropa de passos batendo o chão. Abre os olhos enfim. Diante dele a procissão. Avançam cantando os tantos e os todos da multidão dos que jaziam sentados. Roupas dos mais variados panos não há mais. Nem pelados eles passam. As vestes são brancas do mais impossível e claro alvar. Até são capazes de rebrilhar. Os cegos já têm olhos, os surdos escutam e os mudos cantam. São bonitos, são belos. Caminham em todas as velocidades. Há os que parecem estáticos e os outros que correm. A maior parte anda. Observa que a massa imensa tem divisões. São alas diferentes umas das outras e cantam alegres muitas suas músicas. Imprimindo o ritmo de cada grupo, à frente, coloca-se o estandarte.

As Igrejas em desfile. Todas elas, cada qual com o seu modo de ser. Passam sorrindo. Acenam, vão gesticulando em mil convites para que entre no cordão. Igrejas que tanto criticara. Outras que era como se não existissem por não lhe dizer respeito, aquelas com as quais tanto se identificara lá vem vindo também e passam e vão adiante. As congregações masculinas, as femininas, as mistas, as extintas, as nascentes, os institutos seculares, a cúria romana, os leigos todos eles dentro das suas pastorais e serviços. O que é isto agora? Que alas imensas são estas que nem reconheço? Mais perto os estandartes vão se dando a conhecer se apresentando fazendo-lhe reverência. O povo de Jesus, os nossos irmãos mais idosos vem passando nas suas doze vezes doze tribos que hoje vivem. Os irmãos separados, ortodoxos, luteranos, batistas, presbiterianos, metodistas, pentecostais, assembléias, universais, neo-pentecostais, e tantos outros. E novas nuvens de gente vêm chegando e passam bailando e vão cantando outros tantos ritmos. Povos e povos, do mundo, os africanos, orientais, australianos, índios. Outros tantos mil de milhões. Budistas, xintoístas, muçulmanos, espíritas e os demais integrantes todos das totais confissões vividas e que ainda vão um dia acontecer. E vem e chegam e passam e vêm mais outros tantos de gentes. Nos estandartes deles só a representação do Pai. Naquele outro oceano de pessoas, nem Deus há e não cantam e nem dançam. Olhar de periscópio rodando que giram na busca de encontrar a paz do Amor.

O corredor, semelhante à cena da travessia do Mar Vermelho pelos judeus, vai se abrindo. Não para de se expandir. Agora fogem rápidas uma da outra as paredes que até há pouco se postavam tão próximas. Corredor da jarra neblinante, do copo com água transbordante, das cadeiras, dos homens todos sentados, do grande desfile para ele, somente ele, Cristiano, o menor servo do Povo de Deus assistir e abençoar já não há mais e aí se dá conta de que tinha abençoado, uma a uma, com o sinal da cruz as alas todas da procissão imensa. Sua cadeira, helicóptero sem hélices, paira sobre a praça ampla. Sem beiradas que se pudessem mesmo do alto enxergar de tão imensa. As alas, onde estão as alas? Pergunta-se Cristiano. Rosto brilhando da muita luz de Deus, procurando da cadeira dentre aquelas primeiras que passaram, as que mais prezava. Queria reconhecer amigos, confrades, líderes, gentes enfim com as quais tinha algum tipo de afinidade. Busca lugar onde não seria necessário nem falar porque ao menor olhar o seu querer já se punha conhecido. Grupos desses, grupos outros das eclesiologias não tão simpáticas e das antipáticas, não encontra mais. Perderam-se na multidão do todo de Deus, Cristiano reconhecia. Olhava reparando mais, apertando os olhos para captar os detalhes, não perder nada. E eis que diante dele o pesadelo é o mais lindo sonho. O sonho da maior esperança: O povo de Deus estava voltando e na infinita praça inseria-se nas todas alas desfiladas. Reconheciam-se todos, lavados que tinham sido pelo sangue do Cordeiro. Lá do alto Cristiano a tudo via. E juntavam-se e embolavam-se, e coloriam-se mais ainda e punham tudo em comum. Olhos para o céu, à voz plena, gritou: Pai, vede como eles se amam.

XXI

Não sonhou mais. Desejou até que fossem aumentadas as doses dos variados, multiformes e coloridos comprimidos que a freira nos exatos horários prescritos lhe apresentava, na esperança de que ela estivesse certa e de que tudo acontecera por causa duma alucinação, causada pelo componente de algum daqueles remédios, ou, quem sabe, pela mistura deles todos no seu corpo. Veio o remorso. Como poderia nomear como alucinação esse vislumbre de paraíso que o Senhor havia lhe propiciado na sua infinita misericórdia? Tudo era graça. Tudo é graça, rematou Cristiano.

Lamentou não poder contar para Rogério o sonho. Com todos os detalhes e contradizendo tudo que afiançara a medicina, que garantia ser impossível que ele pudesse falar no estágio avançado da doença em que se encontrava, Tim-tim por tim-tim, o amigo foi cúmplice de Cristiano, sabedor que agora ele já era do seu lindo sonho.

-O rosto brilhante, sua paz e imensa alegria, meu bispo, são provas de que o Senhor Deus lhe concedeu um trailer da transfiguração que no céu o senhor terá da forma completa e eterna. O velho arcebispo tentando sorrir, num esgar se esforçava para dizer algo. Não conseguiu. Lágrimas desfilavam pelos vincos do seu rosto macilento. Fechou os olhos, ciente que era de que na terra não havia mais nada que necessitasse dizer.

Sentado ao seu lado, Rogério meditava sobre o que Cristiano lhe compartilhara. Hora vencida, nem espera Sórora Maria chegar, levanta-se e pisando o chão com todo cuidado, sai do quarto no instante mesmo em que na outra extremidade do corredor aponta o vulto da freira no seu hábito pesado. Bem amigável agora. Acostumada que

está com a presença semanal do seminarista ali no Palácio e, só Deus sabe, porque também sente que o Senhor Arcebispo gosta muito da presença dele. Indaga o que ele está achando do doente. Diz estar preocupada porque está se alimentando muito mal. O doutor a havia alertado que chegaria o momento em que ele não teria mais condições de mastigar e engolir. Há já mais de um mês só tomava líquido. Sentia estar chegando a hora final. Ao mesmo tempo e deve ter sido milagre, ele falara. Primeiro gritando chamando por seu pai. Depois, ele chegou a conversar comigo, ela dizia com muita ênfase. Rogério confirmou também estar reparando a piora sensível do quadro a cada semana, mas não comentou mais nada sobre as observações da freira. A irmã entregalhe um envelope gordo, pardo.

-Monsenhor João recomendou-me que lhe entregasse este pacote. Disse que é um livro e pediu que eu lhe reforçasse que é um empréstimo.

Não consegue definir o sentimento quando sai do Palácio. Tristeza, coração muito apertado pela constatação de que o fim a passos céleres se aproximava e a alegria pela visão que Cristiano tinha tido em sonho da confraternização universal, quando todos iam se misturando e se tornando um no amor. Povo que já não era povo, que havia se transmutado em um Todo de Deus.

Comenta com Vitor e Mário as dificuldades ainda maiores do bispo em estar se comunicando. Surpreso, constata que há bem mais de um mês Cristiano não mais lhes dirigira a palavra. Disfarça a emoção que sente na descoberta uma vez mais do quanto seu amigo gostava e confiava nele. Do quanto ele estava se esforçando para passar-lhe tantas coisas bonitas da sua vida e da Igreja que ele amava tanto e que Rogério, fruto dessas tantas conversas aprendera a amar muito mais. Vai para a capela e lá, sozinho, reza e chora e ri diante do Sacrário. Acorda com frio, encolhido no mármore branco do chão do altar. Adormecera pensando no pedido – do qual rira e também chorara em frente ao Cristo ali na forma do pão – feito por Cristiano naquela tarde. Tentou até obter dele mais orientações, mas o doente àquela hora já estava no limite da exaustão e já era algo que a medicina não conseguia explicar que estivesse falando. Só completou um gutural “se vira”. Ele se viraria. No quarto, como pôde esquecer? Vem a lembrança do pacote. Rasga o papel pardo e na capa do livro velho está o retrato majestático de Dom Karl von Mahler. Nem bem começara a folheá-lo e um zumzum do lado de fora toma a sua atenção. Vários falam ao mesmo tempo, sem preocupação com o horário de silêncio. Coração no tumbumtum bem forte. Tem um pressentimento e levanta-se num salto e num átimo era como se já soubesse de tudo: Dom Cristiano Nicostrato de La Guardia já estava no colo amoroso do Pai que ele tanto ama.

Retorna à Capela e deita-se novamente no piso frio. Agradece ao Pai pela vida de Cristiano. Dá graças ao Filho pela santidade do bispo e bendiz ao Espírito por ter inspirado nele o oferecimento ao voluntariado para servir ao Pastor doente. Nos grandes quartos do Seminário, no alarido da notícia quente todos se vestem preparando-se para irem velar o corpo na Catedral. Padre Heli já pusera alguns seminaristas no seu encaço. Vieram encontrá-lo deitado na Capela. Já fazia parte do saber de todos que nesta tarde, ao contrário dos dias e semanas anteriores, Cristiano havia conversado muito – e com o seminarista – apesar dos médicos terem garantido para Monsenhor João que o seu aparelho fonador já se encontrava em razão da doença, irremediavelmente obsoleto. Sórora Maria, em contido pranto, a todos ia contando tal fato, posto em sua conta como o primeiro milagre do Senhor Arcebispo.

XXII

-Senhores, os ossos que me trouxeram não são, definitivamente, os do bispo que vocês enterraram na área dos indigentes do Cemitério da Paz há três anos. Esses são ossos de um homem jovem, na faixa entre vinte e trinta anos de idade e de baixa estatura, ao contrário de Dom Cristiano que vocês me afiançaram, tinha setenta anos e era bem alto. Outra prova que lhes trago está na foto. Vejam. Este buraco no crânio foi provocado por uma arma de fogo. Reparem que a bala entrou um pouco acima da nuca e saiu bem aqui. Reparem agora na segunda foto, junto ao globo ocular.

O legista, enfático e direto, não deixava margem a nenhuma dúvida.

-Meu Deus! Íamos sepultar na Catedral de Nossa Senhora de Bom Sucesso os ossos de um outro homem! Se Dom Cristiano nos tivesse autorizado a enterrá-lo num caixão melhor, que fosse de madeira, ou que pelo menos estivesse vestido com os seus paramentos episcopais. Aí sim, haveria alguma possibilidade de o encontrarmos naquele mar de ossos encobertos pela terra, mas daquele jeito em que foi posto, qualquer tentativa de encontrá-lo seria uma tonta loucura.

O novo bispo, Monsenhor João e Padre Heli, abismados com a descoberta, ouviam aquele relato. Eles eram sabedores de que com alguns poucos anos do enterro os ossos da área pobre, daqueles cujas famílias não tinham tido condições de comprar da Santa Casa, o pedaço de terra onde os seus queridos foram postos, à medida em que fosse havendo a necessidade da abertura de novas covas, seriam exumados e colocados na vala comum. Era então a hora de colocarem em prática o plano desenvolvido ainda quando Dom Cristiano era vivo e teimava em ser colocado em meio aos pobres e miseráveis. Na secretaria da Cúria, buscaram a papelada do enterro e encaminharam o pedido da exumação dos ossos do bispo para trasladá-lo até aquele lugar já reservado na nave da Catedral, conforme rezava a tradição arquidiocesana.

A primeira grande surpresa, foi quando se deram conta na administração do Campo Santo de que possivelmente um grupo de vândalos, havia embaralhado as placas numeradas identificadoras dos defuntos, em toda a quadra onde havia sido posto o corpo de Cristiano. Monsenhor João, sempre orgulhoso das suas competências matemáticas e, de muita servidão naquela hora, geográficas, não se avexava com o problema surgido. Garantia que iria encontrar com toda certeza o lugar exato onde repousava o corpo do pastor. A constatação por todos de que ele estava redondamente enganado estava exposta ali pelo legista mais famoso do país e isto o fez ficar com cara de garoto abobado, o que fez Padre Heli rir.

Dispensado o médico, chega pelo bispo a terceira surpresa advinda do plano frustrado de traslado dos restos mortais. O bispo novo estava decidindo que no espaço já definido e aberto dentro da Catedral fossem desde já guardados aqueles ossos do homem que nem sabiam se seria de um batizado. Ele queria ser enterrado junto com eles. Aqueles ossos de um indigente, um jovem que tivera morte violenta. Executado,

havia confirmado o especialista. O tiro foi dado á queima-roupa e por trás do corpo. Pobre homem. Talvez vítima das lutas entre os traficantes, quem sabe, morto pela polícia. E que não fosse dada nenhuma publicidade ao fato, ponderou, finalizando a reunião e mirando a caixa com os ossos que seriam seus companheiros no chão à sua frente.

XXIII

No estágio rural que cumpria na nova paróquia de Padre Elesbão, Rogério não conseguia esconder a ansiedade. Receava que tivesse feito um mau trabalho e que, por causa dele, a turma do Monsenhor tivesse descoberto os restos do seu amado amigo. Poucos dias antes de viajar, ficara sabendo pelo Padre Heli, do projeto de exumação dos ossos.

Como se tivesse sido ontem, lembrava-se de quando o bispo naquele dia lhe pedira para que deixasse acontecer alguns meses do seu passamento e fosse ao cemitério para lhe prestar um último e pequeno trabalho, como dissera nas palavras já truncadas e que aos trancos ia emitindo. Céus, ele estava coberto de razão. Duvidara muito daquilo que o bispo lhe dissera. De que tinha muito receio de que passado um tempo iriam buscar os seus ossos para que fizessem parte da composição do subsolo da Igreja, ele havia dito com um pouco de ironia.

Na ligação para o seminário vem o alívio. Fica sabendo por Mário que vazara a informação vinda do Palácio, de que os ossos encontrados definitivamente não eram os procurados. Desliga, sorri, agradece a Deus. Suas preces foram ouvidas e rememora...

O vento frio, de fazer tremer colunas, a neblina forte e o horário muito cedo, eram todos argumentos para que alguém mesmo mais corajoso decidisse adiar uma possível ida ao da Paz àquela hora. Na pilastra do lado esquerdo da portaria, certificou-se do agendamento do primeiro enterro do dia. Três horas depois. Dia perfeito, meu amigo, falou para si mesmo, pensando em Cristiano. Num pequeno papel levava no bolso os números já decorados da quadra e sepultura que buscava. Nada se enxergava a mais de uns dez metros. Chega ao lugar e rapidamente começa a arrancar do chão as placas numeradas e feitas em forma de cruz, como se aquilo fosse alguma colheita e que já estivessem maduras aquelas hastes. Faz um primeiro molhe delas. Coloca-as no chão, três fileiras adiante. Em poucos minutos, em toda à volta, vários montes de cruces numeradas jaziam no chão. Meia hora depois, em toda a extensão da grande quadra somente uma cruz permanecia de pé. Assustado com a absoluta calma que sentia, ajoelha-se diante dela e reza para São Cristiano. Sim, ali estava a relíquia de um grande santo. Não eram os fiéis que reconheciam os seus santos nos tempos dos Padres da Igreja? Pois ali estava, pela última vez identificado, o amigo e santo bispo. Levanta-se. Com cuidado e reverência, colhe a última cruz e a mistura num dos tantos e tantos feixes deitados na tiririca que crescia viçosa por toda parte, quem sabe porque adubada pelos tantos corpos. Ato contínuo vai plantando, aleatoriamente, aquelas cruces todas. Lembra do sonho e se pergunta se aqueles homens, mulheres e crianças guardados ali e que haviam falecido nos meses e dias antes da morte do amigo não estariam também entre aqueles tantos sentados no corredor imenso. Pois sim, é claro que lá estavam e depois também era obvio que faziam parte daqueles que desfilavam no carnaval imenso, dançando e cantando rumo ao Pai. Cansado, mas muito feliz, vê que as cruces

já estão novamente de pé. Replantadas que foram todas. Necessário fazer um teste antes de ir embora. Procura o lugar em que havia estado de joelhos há pouco e não mais o encontra. Missão cumprida constata aliviado. O suor banha a roupa, sente-se extenuado.

Havia se virado. Os restos do seu bispo e amigo permaneceriam na vala comum em meio aos pobres que ele tanto amara. Olha para cima e acena para o céu todo cinza, sem nem uma risca de azul. Ele lá estaria rindo, apontando-o e contando ao povo que lá no alto se transformara no Todo de Deus, sobre a peça que pregara em Monsenhor João e na sua turma.

Fernando, boa noite.

Até que enfim, posso dar-lhe uma resposta. Não tive nenhuma dificuldade em ver o seu trabalho, ler com a calma que desejava, reler nessa tarde o que gostaria de retomar.

Nada tenho a acrescentar. A visão de Igreja que queremos transmitir (e que é a que acreditamos) faz parte deste cenário do Dom Cristiano e do

vislumbramento do seminarista Rogério.
Na verdade, não posso fazer uma análise eclesiológica, mesmo porque nem teria as ferramentas. Li, rapidamente, "cenários da Igreja" do Pe. Libânio para fazer alguma comparação e, de fato, o texto está bem colocado. Por mim, meu amigo, com a "incapacidade" de servir melhor, nada há no seu texto que deturpe a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, assumindo também as nuances próprias de sua hierarquia. Toca adiante. Um abraço, agradecendo porque você me fez amar mais ainda essa Igreja. Deus o abençoe. Gilberto, sj.

Gracias, Fernando, por tu lindo trabajo.
Me gusta tu estilo. Felicitaciones.
Nos vemos en Quito. Un abrazo para Carmen
José Luis

Parabéns Fernando!
Acho a forma como você tem escrito os trabalhos muito interessante e acho que vai ajudar muito quem lê.
Um beijo Ana Cristina